

Projeto Conhecimento Entre Colunas

Julho de 2023 - ANO I – Nº 001

GOB SOB NOVA DIREÇÃO



Confira nesta edição:

- ✓ O meu bisavô maçom
- ✓ Sísifo
- ✓ Esoterismo
- ✓ E muito mais



O lema iluminista "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" exprime as aspirações teóricas da sociedade maçônica que, se atingidas, levariam a um alto grau de aperfeiçoamento de toda a humanidade.

EDITORIAL

Meus Amados Irmãos!

É com grande satisfação que chegamos a esse momento, um novo projeto, que complementa o que foi criado a cerca de um ano para comemorar o aniversário de 40 anos de nossa querida loja FANOEL, ainda no meio digital mas saindo dos vídeos (por enquanto) e indo para o textual, sem deixar a essência que nos forma como maçons, estudar para aprender e aprender para ensinar.

Lembramos que tudo começou, as discussões e debates sobre o quê e como fazer, durante a pandemia que nos trouxe o isolamento, foi aí que a tecnologia da informação que se mostrava distante da maioria veio com toda a força e necessidade, aliando a nossa vontade de saber acabamos montando o projeto inicial em formato videográfico, aguardamos um pouco mais para podermos ter toda a estrutura necessária para tal, enfim conseguimos em meados de 2021. Mas por obra do destino outras dificuldades nos foram impostas.

Agora no formato de revista digital, poderemos alcançar nossos objetivos de maneira mais dinâmica, levando aos interessados um leque de conteúdo jamais visto em nossa ordem. Ninguém aqui é jornalista ou escritor profissional, e nem queremos isso, pelo contrário, queremos que o leitor entenda o que estamos falando (escrevendo) e por isso vamos usar de uma linguagem simples sem ser vulgar claro!

Enquanto isso, é preciso aproveitar cada oportunidade em que possamos continuar nos lapidando e trabalhando na transformação de nossos planos em realidade.

Desde já agradecemos a todos os irmãos que nos ajudaram a chegar até aqui.

Sem mais delongas esperamos que aproveitem!



EXPEDIENTE

Editor: Ir.: Fábio C. de O. Neves

Tel: (91) 98831-8131

E-mail: projetoconhecimento.fanoel@gmail.com

Redação: Ir.: Dhyego Alessandro Costa

Tel: (91) 99172-5011

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista.

Para qualquer informação, escreva para projetoconhecimento.fanoel@gmail.com ou entre em contato com a redação.

Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho nesta edição.

ÍNDICE

CAPA – O GOB SOB NOVOS OLHARES.....	Pág. 02
A ELEIÇÃO NO UNIVERSO MAÇÔNICO.....	Pág. 04
JOIAS E CARGOS DO RITO ADONHIRAMITA.....	Pág. 06
ESOTERISMO NO RITO ADONHIRAMITA.....	Pág. 10
O OLHO QUE TUDO VÊ E SUAS MULTIFACES.....	Pág. 12
I.N.R.I – UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA DO ESOTERISMO CLÁSSICO.....	Pág. 14
QUATRO BOAS RAZÕES PARA O MESTRE MAÇOM INGRESSAR NO ARCO REAL.....	Pág. 16
A INICIAÇÃO MAÇÔNICA E O SALMO 91.....	Pág. 19
COMO ME SINTO NA MAÇONARIA? SOU OU ESTOU MAÇOM?.....	Pág. 21
SÍFIFO, A NATUREZA DA VIDA E O PROCESSO DE MATURAÇÃO MAÇÔNICO.....	Pág. 23
O MEU BISAVÔ MAÇOM [Parte I].....	Pág. 27
OS AUTORES.....	Pág. 29



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO
PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

CAPA

O GOB SOB NOVOS OLHARES

por: Fábio C. de O. Neves



Estamos convivendo nos últimos tempos com uma ruptura de antigas estruturas societárias e a emergência de uma nova ordem mundial. Acompanhar as mudanças é dever de todo cidadão, e, como maçons que somos, Livres e de Bons Costumes, não poderíamos ser diferentes nesta caminhada.

Dentre as rupturas podemos citar o imbróglcio envolvendo o Grande Oriente do Brasil – Minas Gerais e o próprio GOB que tem se arrastado por anos gerando instabilidade no meio maçônico brasileiro, essa questão se soma a outros conflitos, em especial, no estado da Bahia que começaram em 2019 e ainda do caso do Grande Oriente de São Paulo que eclodiu em 2018. Além desses três estados que concentram grande parte dos membros da maçonaria gobiana, outros estados como Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Goiás enfrentam conflitos e intervenções em seus grandes orientes estaduais, essas situações geram instabilidade não apenas no Grande Oriente do Brasil mas também no cenário maçônico regular brasileiro afetando questões como intervisitações entre outras potências em vários locais como as Grandes Lojas da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB e os Grandes Orientes da COMAB.

Ao analisarmos a história da maçonaria brasileira, especialmente do Grande Oriente do Brasil, percebemos que esses eventos não são recentes ou isolados, desde a implementação do sistema de grandes orientes estaduais o GOB tem enfrentado esse tipo de desafio. Em 1962, por exemplo, 6 grandes orientes estaduais se uniram em uma manifestação conjunta reivindicando um novo pacto federativo com maior soberania, essa reivindicação aliada a um processo eleitoral conturbado levou a cisão de 1973, essas reclamações

surtem periodicamente e são permanentes embora não sejam ouvidas ou dadas a devida atenção.

O Grande Oriente do Brasil é uma federação mas com características que não são inerentes a uma federação maçônica, essas características tem gerado mais de meio século de conflitos internos abalando o pacto federativo, em outras federações maçônicas pelo mundo, como na Grande Loja Unida da Inglaterra – GLUI, as grandes lojas provinciais ou distritais tem grão-mestre nomeados e não eleitos o que difere dos nossos grandes orientes estaduais.

Os conflitos entre estados e o GOB geralmente giram em torno da intervenção do GOB nos grandes orientes estaduais em detrimento dos resultados das eleições que mostram a vontade do povo maçônico estadual, interpelados por uma parcela derrotada, mas que tem ou teria afinidade com o poder central. Isso levanta a questão da falta de autonomia dos grão-mestres estaduais, essas questões alimentam os desejos separatistas aumentando a insatisfação de alguns membros.

Todo processo conturbado de intervenção, cisão e judicialização é resultado do modelo organizacional adotado pelo GOB e poderia ser evitado adotando-se outro modelo: se o GOB criasse 27 CNPJ de filial para os grandes orientes estaduais e nomeasse seus grão-mestres estaduais seria sim uma verdadeira federação, outra opção seria formar uma confederação e conceder soberania aos grandes orientes estaduais abrindo mão do poder de intervenção. Enquanto o modelo atual híbrido persistir o pacto federativo gobiano continuará sendo prejudicado afetando lojas, irmãos, e afetando suas relações.

Certamente, precisamos de respostas para novos comportamentos numa nova dimensão diferente da ordem natural das coisas do passado e compreender os outros e o mundo em que vivemos é a “palavra de ordem”. A tecnologia que o diga!

Este é apenas parte do contexto que a nova direção do GOB e dos Grandes Orientes Estaduais estarão imersos para daqui para frente ter novos olhares e assim projetar novos futuros e horizontes mais alcançáveis.

No Grande Oriente do Brasil assumiram a direção os irmãos Ademir Cândido da Silva, como nosso Soberano Grão Mestre Geral e Adalberto Aluizio Eyng como nosso Sapientíssimo Grão Mestre Geral Adjunto. Eleitos de forma democrática, participando como chapa única, mostrando a



INSIDE
ANOS *****
Consultoria científica

união e a confiança no trabalho e na esperança que dias melhores estão por vir.



**O COMEÇO DA
JORNADA E DO
TRABALHO PELO
GOB QUE TODOS
QUEREMOS**

Publicado no Boletim informativo n.1 repassamos aqui na íntegra sua carta de abertura de seus trabalhos.

“Amados Irmãos e família maçônica do Grande Oriente do Brasil. Iniciamos nossa jornada de trabalho com muita força e alegria, confiando ao Grande Arquiteto do Universo que nos dê saúde, discernimento e sabedoria para conduzir os desígnios desta nossa amada instituição, assim como todas as questões que dependem de nossa intervenção e dedicação. Temos plena consciência que será um trabalho hercúleo, em todos os sentidos - e começamos assim com grandes expectativas dos Gobianos, principalmente em manter a nossa tão conquistada paz e harmonia. Os que me conhecem, sabem da importância que dou para meus Irmãos nestas mais de três décadas trabalhando juntos e o quanto estamos focados em ajudar a fortalecer e a desenvolver todas nossas milhares de Lojas e seus Irmãos. Demos início ao trabalho e convocamos nossos primeiros Amados Irmãos a fazerem parte da grandiosa equipe de trabalho que, junto a mim e ao Amado Irmão e parceiro Adalberto Eyng, trabalharão de forma voluntária, servindo nossa bicentenária instituição. Em minhas primeiras palavras proferidas por ocasião da nossa posse, me comprometi com a Família Maçônica, com nossas Potências Amigas e Regulares do Brasil e do Exterior, com a sociedade civil organizada, com os Poderes Constituídos do Brasil e do GOB. Contudo, meu maior compromisso será sempre com você meu Amado Irmão, tamanha a responsabilidade de irmos Sempre à Frente, em favor da

Maçonaria e das nossas Oficinas, com aquele olhar especial ao Maçom e Amado Irmão que faz seu trabalho evolutivo no templo, com as ferramentas e orientação correta dos decanos e veneráveis da Loja, colocando em prática esse aprendizado no seio da família e da comunidade por meio de boas práticas. A vocês, meu muito obrigado e saibam que não haverá um minuto sequer, nesta gestão de cinco anos que teremos pela frente, que não trabalharei feliz e satisfeito por vocês e nossas Lojas. Convido a todos os Irmãos a caminharem juntos comigo nesta nova fase! Sempre à Frente - o GOB e Você!”

Fraternalmente,

**Ademir Cândido da Silva
Grão-Mestre Geral
Grande Oriente do Brasil**

No Grande Oriente do Estado do Pará assumiram os irmãos Luiz Schwirch, como nosso Eminentíssimo Grão Mestre Estadual e Jorge Santos Sousa como nosso Poderoso Grão Mestre Estadual Adjunto. Eleitos também de forma democrática, participando do pleito em chapa única, mostrando que a maçonaria do Pará está avessa as confusões a nível nacional e cada vez mais pujante, no caminho certo, com muito trabalho e dedicação de seus membros.



Boa sorte e bom trabalho a todos os envolvidos nessa gestão que está apenas começando!

Vivat! Vivat! Vivat!



INSIDE
ANOS

Consultoria científica

A ELEIÇÃO NO UNIVERSO MAÇÔNICO

Por: Richard Dylan Silva

1. Eleição dentro da maçonaria?

Assim como no ambiente profano, onde a escolha de um governante impacta diretamente o modo de qualidade de vida dos seus governados, assim também acontece dentro da maçonaria e apesar de sermos constantemente influenciados por ideologias políticas como “direita, esquerda e outros” é importante frisar que dentro da instituição maçônica não existe tais interesses políticos do mundo profano, havendo apenas o ser político como indivíduo que detém opinião, planejamento, programação e outros objetivos focados em particularidades ao que tange os direitos e obrigações de um maçom, a exemplo de que um obreiro que na vida profana tem inclinações a um viés partidário, dentro de sua Loja e do Grande Oriente deve apresentar imparcialidade, sendo prumado por sua moral e ética, observa o que é melhor para a sua Loja e ao Grande Oriente.

Somos convidados a eleger chapas para o Grão Mestrado Nacional, Estadual e aindaá Venerável Mestre de uma Loja. Segundo o ditado “Aqueles que não sabem política, são governados por aqueles que sabem”, esta peça de arquitetura é um convite ao esclarecimento da política maçônica, no que se refere a eleição ao Grão Mestrado e ao quadro particular de uma loja maçônica.

2. Sobre o ato de eleger um representante.

A Lei N°. 153, de 8 de Setembro de 2015, da E.V. institui o código eleitoral maçônico, referenciado no RGF e na Constituição do GOB, é através deste código que éfirmada a ordem e o exercício de votar e ser votado a todo maçom do Grande Oriente do Brasil, assim como o Supremo Tribunal Eleitoral, os Tribunais Eleitorais Maçônicos e as Oficinas Eleitorais, como órgãos reguladores.

A eleições maçônicas são diretas, processadas por meio de voto individual, secreto e intransferível, ocorrendo através de cédula eleitoral ou votação eletrônica, muito se assemelha aos ritos de votação praticados na vida política profana, vinculando também os tramites burocráticos e fiscalizadores que a atividade demanda.

3. Quem pode votar?

Todo mestre maçom que esteja quite com a tesouraria da Loja e do GOB, além deter pelo menos 50% de frequência em sua Loja, nos últimos 12 meses, está apto para votação, com exceção dos que foram filiados a menos de um

ano, estes terão a frequênciaapurada a partir do dia de sua admissão, desde que superior a seis meses, requisitos estes que serão fiscalizados pelo responsável da frequência e Tesoureiro da Loja. Estando devidamente qualificado, o obreiro poderá exercer atividade em eleição aos cargos de Grão-Mestre, da Administração da Loja, de Orador e de Deputados.



Após formulada a relação de todos os eleitores aptos, na sessão seguinte será feita a leitura desta, cabendo ciência e também possibilidade de impugnação verbal, com direito a registro em ata de qualquer inclusão, exclusão e irregularidade envolvendo os obreiros com direito a voto. Contudo, caso comprovado que a reclamação tenha como objetivo espírito de emulação ou procrastinar os trabalhos eleitorais, o

autor será sujeito a processo disciplinar e as penalidades previstas para as infrações cometidas.

4. Onde e como votar?

Constituem as Oficinas Eleitorais as Lojas compostas em Sessão Eleitoral pelos maçons aptos para eleger o Grão-Mestre Geral e seu Adjunto, os Grão-Mestres Estaduais Distrital e seus Adjuntos, os Deputados das Assembleias Federal, Estaduais e Distrital Legislativas Maçônicas e respectivos Suplentes, bem como sua Diretoria. Estas oficinas são dirigidas por mesa eleitoral, formada pelo Venerável, o Orador e o Secretário, além de dois escrutinadores designados pelo Venerável Mestre.

5. Concluída a votação e agora?

Encerrada a votação, a Oficina Eleitoral encaminhará a relação dos eleitores e as atas das respectivas eleições, nos três primeiros dias úteis, mediante protocolo, aos Tribunais Eleitorais Estaduais e Distrital nas eleições para Grão-Mestre Estadual ou Distrital e Adjunto e para o Superior Tribunal Eleitoral nas Eleições para o Grão-Mestre Geral e Adjunto, sob pena de responsabilidade.



6. Eleição para a administração da Loja, Orador e Deputados.

As eleições para os cargos da administração da Loja, Orador, Deputado Federal, Estadual e respectivos suplentes realizar-se-ão no mês de maio, em Sessão Ordinária devendo a data da Sessão ser marcada com antecedência mínima de 15 (quinze) dias por meio de Edital afixado na Sala dos Passos Perdidos. Os interessados devem apresentar o pedido de registro de suas candidaturas aos cargos até a penúltima sessão ordinária do mês anterior ao da eleição.

Qualquer mestre maçom com direito a voto poderá solicitar impugnação de qualquer candidatura, fazendo por escrito e encaminhando ao Venerável Mestre, estando estes autores também sujeitos a responder em penalidade pelas reclamações deferidas.

Para concorrer ao cargo de Venerável-Mestre, o Mestre Maçom precisa ter no mínimo 3 anos de experiência como mestre.

7. Eleição para o Grão-Mestrado.

Até o dia 30 de outubro do ano anterior ao da eleição, os interessados em concorrer aos cargos de Grão-Mestre Geral, Grão-Mestre Estaduais e Grão-Mestre do Distrito Federal e seus respectivos Adjuntos deverão requerer ao Superior Tribunal Eleitoral Maçônico o registro de suas candidaturas vinculadas, anexando documentos probatórios tanto maçônicos quanto civis. Para Grão-Mestre Geral e Adjunto, as eleições ocorrerão no mês de março que completar o quinquênio e para Grão-Mestre Estadual e do Distrito Federal e Adjuntos, ocorre no mês de março que completa o quadriênio.

Para concorrer ao cargo de Grão-Mestre Geral o Mestre Maçom precisa ter no mínimo 7 anos de experiência como mestre e ao cargo de Grão-Mestre Estadual o mínimo de 5 anos de mestre.

8. Critério de Desempate

O desempate em eleições maçônicas dar-se-á em favor do candidato que tiver o mais antigo registro cadastral junto à Secretaria Geral da Guarda dos Selos do Grande Orientado Brasil.

9. Por que votar?

Toda a estrutura organizacional, executiva e reguladora do eleitorado maçônico é instituída exclusivamente para assegurar que prevaleça a vontade de seu povo, através de seus representantes. Um ato magno de democracia que visa a prosperidade de cada obreiro no quadro administrativo da Loja e no Grande Oriente.

Entender e moldar as questões relativas ao poder na sociedade maçônica se faz necessário observando toda a responsabilidade que o representante irá assumir, fazendo jus a cada voto empregado ao seu favor e também em desfavor. Visto que independente do cargo, este irá governar para todos, mantendo diplomacia, respeito e flexibilidade em sua conduta.



REFERÊNCIAS

- Regulamento Geral da Federação – RGF do GOB
- Constituição do GOB
- Código Eleitoral Maçônico 2019

JOIAS E CARGOS DO RITO ADONHIRAMITA

por: Márcio Ney de Parijós

VENERÁVEL MESTRE:

A sua joia é o **ESQUADRO**.

Simboliza a retidão, indica que quem a porta deve ser o Maçom mais reto e justo no âmbito da Loja que preside.

É deste saber reto e deste senso de justiça sem ambiguidades que devem coadunar suas ações e a sua administração ao presidir a Loja.

Ele é a 1º Dignidade da Loja.

É o presidente de uma Loja Maçônica, eleito pelos irmãos, é responsável por conduzir os trabalhos e presidir as sessões, sendo sua prerrogativa conferir graus simbólicos àqueles que por direito merecem.

**1º VIGILANTE:**

A sua joia é o **NÍVEL**.

É o símbolo da igualdade, formado por um esquadro de hastes iguais, de cujo o ângulo desce uma perpendicular. Ele lembra ao Maçom que todas as coisas devem ser consideradas com serenidade igual e que o seu simbolismo tem como corolário noções de Medida, Imparcialidade, Tolerância e Igualdade, bem como o correto emprego dos conhecimentos.

Ele é a 2º Dignidade da Loja.

É o responsável pela Coluna do Sul, a Coluna da Força, sua função é de instruir os companheiros e auxiliar o Venerável Mestre na condução dos trabalhos, sendo o substituto legal deste na sua ausência.

**2º VIGILANTE:**

A sua joia é o **PRUMO**.

Ele representa o símbolo da Pesquisa da Verdade nas profundezas onde se oculta; assim como da elevação dos sentimentos Maçônicos em direção das alturas. Sugere que não se deve parar no aspecto exterior das coisas, mas que se deve penetrar o sentido oculto das alegorias e dos símbolos.

É a 3º Dignidade da Loja.



É o responsável pela Coluna do Sul, a Coluna da Beleza, sua função é de instruir os Aprendizés e auxiliar o Venerável Mestre e o 1º Vigilante na condução dos trabalhos, compondo com estes as 3 Luzes da Loja. Ele é o substituto legal do 1º Vigilante na sua ausência.

ORADOR:

A sua joia é um **DISCO VAZADO NO CENTRO**

Simboliza que nada deverá escondido ou encoberto pela dúvida. A inscrição "LEX" e o livro entreaberto simbolizam este como conhecedor da tradição do espírito maçônico, o guardião da Lei Magna Maçônica, dos Regulamentos e dos Rituais.

É o Oficial que atua como representante do Ministério Público Maçônico, cabendo-lhe defender e aplicar a Legislação Maçônica em todas as oportunidades, sendo, por isso, denominado "Guarda da Lei".

**SECRETÁRIO:**

A sua joia são **DUAS PENAS CRUZADAS**.

Elas representam as penas de aves usadas para escrita na antiguidade, são emblema do ardor e zelo pela fidelidade.

O Secretário representa a memória da Loja, é o grande responsável pela História da Maçonaria. Os historiadores do futuro basear-se-ão no que ele registrar. Se ele deixar de registrar, ou registrar mal os fatos ocorridos, a História, nesse caso, ficará truncada ou será mal contada.

Tem a seu cargo a redação das atas e correspondências da Oficina. Ele Forma o principal elo de administração com o Tesoureiro e o Orador, cuidando para que a Oficina não se depare com problemas de ordem administrativa, legal e financeira.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

CHANCELER:

A sua joia é o **TIMBRE**.

Este representa o seu papel de Guarda-selos da Loja.

Dentre as suas atribuições, tem por: zelar pelo livro de presença da Loja, convocar obreiros ausentes, emitir certificados de presença a irmãos visitantes, emitir o relatório de presenças da Loja, para fins de votações, guardar o Livro Negro e o Livro Amarelo, prezar pela manutenção dos arquivos com os dados necessários à perfeita qualificação dos Membros e seus cônjuges e dependentes e anunciar os aniversariantes do mês.



É o Oficial encarregado de executar a direção de todo o cerimonial dentro e fora do Templo.

O Mestre de Cerimônias é o único Irmão em Loja que possui a prerrogativa, sem necessariamente ser determinado ou ordenado, de se locomover livremente no interior da Loja durante os trabalhos, que não andarão à com o Sinal de Ordem, pois o mesmo realiza a circulação portando sua Espada à Ord.

**1º E 2º EXPERTOS:**

A sua joia é um **PUNHAL**.

Representa a prudência e a vigilância, também simboliza o castigo e o arrependimento reservados aos perjuros.

Experto é sinônimo de perito, de experiência, devido ao fato que para o exercício de suas funções lhe será exigido muita argúcia.

A ele compete, dentre outras atribuições, a cuidar e a preparar os candidatos à iniciação, conduzindo-os e instruindo-os durante a Sessão de Iniciação, deve ficar atento, a fim de que seja mantida a seriedade e a magnitude que envolve a cerimônia de Iniciação, que merece o maior respeito e atenção daqueles que estão a iniciar.

O 1º Experto é o responsável por verificar a qualidade dos irmãos visitantes realizando o seu telhamento no Átrio (vestíbulo), zelando assim pela segurança dos trabalhos em Loja, desempenha ainda importante função de Irmão Terrível nas cerimônias de Iniciação, sendo responsável pela preparação e condução dos neófitos.

O 2º Experto zela juntamente com o Cobridor Interno e o Cobridor Externo pela segurança dos trabalhos em Loja, é também o substituto legal do 2º Vigilante, possui, ainda, a prerrogativa de substituir qualquer outro oficial que não tenha adjunto.

**TESOUREIRO:**

A sua joia são **DUAS CHAVES CRUZADAS**

Estas significam que ele é o depositário das reservas monetárias da Loja e seu manipulador. A chave é considerada como símbolo do silêncio, da discrição, da inteligência e da prudência. Virtudes estas indispensáveis para o exercício da função.

O seu valor dentro da administração é de suma importância. Ele é guardião e o responsável por manipular os metais armazenados no cofre da Loja e deve dar justo andamento das finanças e economia da Oficina, efetuando e verificando os pagamentos e recolhimentos.

O tesoureiro é também o guarda do tronco de solidariedade (acredita-se que o tronco de solidariedade tem seu nome devido aos Templários que escondiam seus tesouros e moedas sob grossos troncos das árvores na floresta de Ardennes!).

**MESTRE DE CERIMÔNIAS:**

Sua Joia é um **TRIÂNGULO EQUILÁTERO VAZADO**.

O Triângulo Equilátero exprime noção de união, harmonia e equilíbrio, por esta razão este é o símbolo do Mestre de Cerimônias, pois as atividades desenvolvidas por este Oficial são aquelas que irão resultar no equilíbrio e na harmonia da Sessão, servindo como elemento de ligação entre o Venerável Mestre e as demais Dignidades e/ou Oficiais da Loja.

ARQUITETO:

A sua joia é a **TROLHA**.

Trata-se da ferramenta usual dos pedreiros, aqueles que manipulam a argamassa da União Fraterna, cimentando as pedras do Edifício na busca da Unidade. A Trolha tem a função de reunir, misturar e unificar, constituindo-



Globalmaq
EQUIPAMENTOS

se no símbolo do amor fraterno que deve unir todos os Maçons.

A ele são conferidas as tarefas de garantir tudo quanto pertencer às decorações, ornatos e cerimoniais do Templo, segundo cada sessão, além de assumir a guarda e responsabilidade dos materiais usados e inventariá-los. Ainda, a verificação das condições de uso dos utensílios e móveis, providenciando eventuais reparos e substituições, também é inerente à função do Arquiteto a conservação do edifício, limpeza dos móveis, das alfaías e demais utensílios da Loja.



COBRIDOR EXTERNO:

A sua joia é uma **ESPADA**.

Simboliza a constância e o cuidado, reforçando o conceito de segurança, que, no caso, tem que ser a mais rígida e mais abrangente, estando a pronta vigilância em defesa do Templo.

É o contato entre o mundo externo e o interior da Loja, garantindo o rigoroso silêncio nas cercanias do Templo e zelando para que não haja evasão sonora durante a realização dos trabalhos em Loja.

Esse Oficial permanece na Sala dos Passos Perdidos do Templo, como seu Guardião.



COBRIDOR INTERNO:

A sua joia são **DUAS ESPADAS CRUZADAS**.

Simboliza a inviolabilidade e o respeito, já que a ele compete velar para que o Templo fique coberto a olhares profanos e zelar pela segurança interna dos trabalhos.

É o responsável pelo controle de entrada e saída do templo,

Participar na ritualística através dos interrogatórios de fechamento e abertura dos trabalhos. É o único cargo que não realiza o Sinal de Ordem nos trabalhos, pois deve se manter sempre com a Espada à Ordem quando esta não estiver atterrada.

Era o cargo desempenhado tradicionalmente pelos Ex-Veneráveis Mestres de uma Loja devido sua importância simbólica e esotérica.



HOSPITALEIRO:

A sua joia é uma **BOLSA FECHADA**.

Simboliza a benesse da caridade, é fechada para não exaltar a quem dá nem humilhar a quem recebe, concretiza o verdadeiro símbolo do mensageiro do amor fraterno.

Suas atribuições estão diretamente relacionadas à organização dos atos de beneficência e solidariedade Maçônicas em defesa dos menos favorecidos.

Dentro da ritualista faz circular o Tronco de Solidariedade durante as sessões e pode ser o responsável por presidir a Comissão de Beneficência.



MESTRE DE BANQUETES:

A sua joia é um **TAÇA**.

Ela faz alusão ao símbolo da fartura adquirida pelo trabalho honesto, indicando que ao Mestre de Banquetes compete a direção dos banquetes e ágapes da Loja, a fim de supri-los adequadamente conforme a ocasião.

Ao Mestre de Banquetes compete coordenar e organizar todas as ações relacionadas com a realização de coquetéis e banquetes a serem oferecidos pela Loja, inclusive solicitando ao Tesoureiro os metais necessários para tanto, com a posterior prestação de contas.



BIBLIOTECÁRIO:

A sua joia é um **LIVRO ABERTO COM UMA PENA**.

Simboliza a Maçonaria sempre aberta e predisposta em auxiliar os Maçons em busca da Luz, do conhecimento e da Verdade

É o responsável pela parte cultural da Loja e pelo armazenamento, organização e catalogação dos livros e Peças de Arquitetura da Loja.

Os serviços prestados por este Oficial devem auxiliar ao desenvolvimento intelectual dos Irmãos, cooperando com estes na busca pelo desenvolvimento intelectual e moral dos Obreiros da Loja.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

REFERÊNCIAS:**MESTRE DE HARMONIA:**

A sua joia é uma **LIRA**.

Símbolo da contemplação, do arrebatamento e das emoções originadas pelos acordes musicais, os quais provocam as melhores disposições de espírito, prodigalizando os mais puros pensamentos de fraternidade e de elevação da alma.

O Mestre da Coluna da Harmonia deve estar familiarizado com os rituais usados em sua Loja. Sua missão envolve um tempo de preparação razoavelmente longo, que consiste em procurar obras que melhor atendam aos efeitos buscados e prescritos nos Rituais.



- Regulamento Geral da Federação, GOB, Edição 22/03/2021;
- Ritual de Aprendiz Maçom, GOB, Rito Adonhiramita, Edição 2009;
- Acervo da ARLS Loja Universitária PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY Nº 3404;
- Revista Universo Maçônico: O significado das joias dos oficiais de uma Loja Maçônica;
- Revista Arte Real: Linguagem Simbólica das Joias.

PORTA ESTANDARTE:

A sua joia é um **ESTANDARTE**.

Símbolo que aparece desde os primeiros tempos da Maçonaria especulativa como uma continuação da tradição das antigas confrarias e corporações profissionais medievais, que tinham por seu estandarte a maior veneração e respeito, insígnia que engrandece, enobrece e honra a Loja.

O Porta-Estandarte, em uma Loja maçônica, é o responsável pela condução do Estandarte da Loja em todas as cerimônias, bem como por zelar e guardar com o máximo respeito o símbolo da Loja. Deve conservá-lo adequadamente, inclusive com as condecorações que forem atribuídas à Loja, as quais ficarão apostas sobre o Estandarte.

**PORTA BANDEIRA:**

A sua joia é uma **BANDEIRA**.

Simboliza o Pavilhão Nacional.

Compete ao Porta-Bandeira, manter o Pavilhão Nacional sempre erguido e jamais deverá admitir que ele seja abatido, ou seja, inclinado para a frente e, sempre que for guardado, será devidamente acondicionado em local apropriado à sua guarda.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

ESOTERISMO NO RITO ADONHIRAMITA

Por: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

Quantos maçons já indagaram sobre o sentido de uma reunião maçônica? Alguns encarando como atos repetitivos, mecânicos, de pouca ação em sua vida cotidiana; outros, percebendo as sessões maçônicas como contribuição com a evolução do indivíduo através do conhecimento. Os obreiros da Nobre Arte precisam estudar para compreender os princípios dos mistérios e rituais da Ordem, haja vista que, de acordo com Silva (2015), a celebração habitual e correta das cerimônias é uma aplicação da força oculta que produz vibrações astrais, resultando em uma grande onda de paz espiritual e de energia, afirmando que as forças existentes no universo são evocadas no momento das sessões.



Nesse sentido, a Ordem Maçônica passa a ser concebida como uma escola mística que contribui para o engrandecimento de seus membros, usando forças que se encontram no universo em benefício do homem através da ritualística.

Nesse caso, o Rito a ser trabalhado é o Adonhiramita, considerado histórico e tradicional com características essencialmente metafísicas, esotéricas e místicas, buscando produzir um estado de harmonia e bem estar, tornando-se um rito de profunda espiritualidade. Para que este seja melhor compreendido e aproveitado, deve-se perceber além dos sentidos físicos de uma sessão, na verdade essas vão além da simples repetição. Sendo assim, esse texto busca explicar como o esoterismo se faz presente em uma sessão do rito Adonhiramita?

A participação em uma sessão de forma eficiente e produtiva, perpassa pela compreensão dos trabalhos espirituais, sua grandeza e complexidade, direcionando os pensamentos para captação de boas energias, paz interior, objetivando evolução individual, melhorando o sentimento de amor ao próximo. O bom andamento da sessão exige a preparação psicológica e espiritual do obreiro, tendo início na sala dos Passos Perdidos ou Átrio, através da harmonização da mente, concentração e reflexão, para a preparação da egrégora maçônica.

Então preparado, tem-se o ingresso no Templo, o que poderá acontecer em família ou de forma ritualística. Neste caso, respeita-se a hierarquia, onde os primeiros a entrarem são os Iniciantes e por último, o Venerável, o condutor da reunião, sendo à saída de forma contrária a entrada.

A transição dos obreiros da sala dos Passos

Perdidos ao interior do templo representa simbolicamente, de acordo com Guimarães (2013), a passagem de um ambiente profano a um solo sagrado. Ritualisticamente leva o obreiro em poucos passos do oriente ao ocidente, do amanhecer ao por do sol, trabalhando conjuntamente com a simbologia maçônica, tendo como função a compreensão sobre a necessidade da evolução do indivíduo, o que exige um estado de consciência adequado ao ritual cognitivo; a divisão do espaço físico da Loja em compartimentos representa a passagem de um estado de consciência a outro.

Trabalhando conjuntamente com a simbologia maçônica, tendo como função a compreensão sobre a necessidade da evolução do indivíduo, o que exige um estado de consciência adequado ao ritual cognitivo; a divisão do espaço físico da Loja em compartimentos representa a passagem de um estado de consciência a outro.

O templo é o local da reunião, este representa um ser coletivo, onde cada membro é responsável pela sua qualidade, à força energética é resultado da homogeneidade e harmonia de pensamentos e vibrações, gerando a egrégora considerada por Silva Junior (2012) e Silva (2015), como: fenômeno gerado pela interação de pessoas envolvidas num objetivo comum cuidando dos interesses do grupo, sendo essencialmente constituída pela soma de seus membros individualmente.

A egrégora se mantém das emoções, pensamentos e outros materiais de quem a criou, ocorrendo durante os encontros regulares do grupo em seu ritual ou cerimônia regular, retirando e recarregando as energias de seus membros. Por isso, um membro com pensamentos diferentes da egrégora pode ser excluído pela mesma, a egrégora se sustenta pela congregação de seus membros, caso não haja sintonia interna para com o propósito do grupo não haverá conexão.

As vibrações, emanções mentais tomadas de amor e confiança, permanecem no ambiente e se acumulam criando uma atmosfera especial formada por pensamentos, preces e aspirações daqueles que dedicam o melhor de si, ajudando e sendo ajudado.

O Templo representa um recanto de paz, mantendo um clima de ordem, respeito mútuo, harmonia, fraternidade, trabalhando para minimizar divergências, pela superação dos vícios, proporcionando a união de seus

frequentadores.

No interior do templo o Mestre de Cerimônia realiza seu deslocamento em **Circunavegação**, em forma do símbolo do infinito, representando esotericamente a continuidade da vida, caminho constante em busca de conhecimento, evolução



e aprimoramento espiritual, obedecendo o sentido horário ou ante horário, de acordo com o que exige o grau característico da reunião, sendo a marcha rompida com o pé direito,

o que representa a razão. A **Cerimônia de Incensação**, realizada pelo Mestre de Cerimônia, é o ato de perfumar o ambiente para preparar o espírito dos obreiros, seguindo a hierarquia pronunciando as palavras sabedoria, força e beleza; o **Cerimonialdo Fogo**, representa a força impulsionadora do universo, energia e poder de transformação, invoca o senhor de todas as luzes, ritualisticamente as luzes da loja são acessas e as palavras sabedoria, força e beleza são pronunciadas; o **Interrogatório**, objetiva verificar se todos são maçons e se a loja está protegida das vistas

profanas pelo Cobridor Interno; os trabalhos tem início ao Meio Dia, sem sombras, momento de muita luz, sendo finalizado a Meia Noite, sem sol, repouso; as horas são marcadas por 12 vibrações, provocadas por batidas em sinete. Com a abertura ritualística da Loja, **forma-se o Pálio**, em que o Orador, será protegido por espadas empunhadas por Mestres Maçons formando uma figura triangular enquanto este fará a leitura no livro da Lei e a 1ª oração, João cap. 1, versículo de 6 a 9, onde se destaca a palavra Luz. Nesse momento, a concentração de energias espirituais oriunda de pensamentos voltados a pratica do bem e do amor envolve o ambiente. As doze badaladas anunciam o início e o fim dos trabalhos, evoca as divindades e juntamente com a Incensação e o fogo, harmonizam as vibrações místicas e esotéricas da egrégora formada em sintonia com o GADU. O **Saco de Propostas** nunca volta vazio, sempre retorna com bons fluidos dos irmãos, enquanto o **Tronco de Solidariedade** retorna com um dos elementos da caridade, metais que socorrerão os semelhantes.

Oração de encerramento, momento em que é citada a fonte de luz e em seguida o **Adormecimento do fogo**, onde a chama sagrada é adormecida em seu sentido físico, mas que habite de forma permanente e atuante em nossos corações em sintonia com as palavras beleza, força e sabedoria. O objetivo de cada sessão é a renovação das forças espirituais por isso, todos os membros precisam estar preparados, pensando coletivamente formando um conjunto harmonioso e ordenado. Todos recebem este impulso energético efetivo da vibração e o efeito se dará principalmente por reflexo da mente e assim, cada obreiro se torna transmissor dessa energia e se bem utilizada levará aos outros este efeito.

Segundo Silva (2015), o exercício espiritual proporciona ganhos através de vibrações que se harmonizam com forças universais, lembrando que somente aqueles que compreendem o sentido do ritual e o praticam com reverência, respeito e cooperação, poderão atrair essa influência em sua totalidade.

Com o conhecimento e compreensão desses

fenômenos os obreiros são capazes de aplica-los em seu próprio benefício, da loja a que pertence e a todos a quem possa levar, sendo esse um dos papeis da ordem. Silva (2015),



informa que quanto mais os sentimentos de todos na loja são de reverencia e devoção, ajudam a quem dirige e aumentam consideravelmente a quantidade de energia espiritual emanada em resposta a devoção. Quanto mais instruído o maçom, quanto mais elevada a sua devoção, mais eficiente o trabalho. Silva (2012), afirma que é possível dizer que o resultado final é o de receber e distribuir a grande emanção de força espiritual, difusão da vida e da energia precedente dos mundos superiores irradiada pelo GADU. Quem despreza o rito e seus aspectos ocultos, não pode obter a mesma

elevação nem os mesmos benefícios daqueles que conhecem seu significado e o praticam de forma devocional.

Para Silva (2015), o pensamento possui força real e poderosa que pode condensar a matéria astral solta no ambiente, originando o ser coletivo. A egrégora recebe energias eo conhecimento acumulado das pessoas que a formam, passando a ser mais forte que cada um dos membros individualmente. A Egrégora é pensamento e sentimento de um grupo, pode ser positiva ou negativa, como positiva pode atrair boas energias, ajudando no crescimento e na felicidade dos envolvidos.

Sendo assim, o sentido de uma reunião maçônica é o favorecimento dos obreiros em seus processos evolutivos, favorecendo a prosperidade e o autocontrole. Por se tratar de um lugar considerado sagrado nada acontece no templo por acaso, a revigoração das energias ajuda na construção de um novo ser.

REFERÊNCIAS

- CASTELLANI, Jose. **Liturgia e Ritualística do grau de aprendiz maçom**. São Paulo: editora: A Gazeta, 1992.
- Egrégora e seus modus operandis. Texto, ano, 2016. www.hadnu.org
- GUIMARÃES, Rafael. Os efeitos psicológicos da prática do ritual maçônico. Texto.
- **Revista Ciência e Maçonaria**. Brasília, v.1, nº 01, p.21-28, jan/jun, 2013. GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Ritual: Rito Adonhiramita**. São Paulo. 2009.
- SILVA, Vitor Xavier. Considerações sobre o sentido esotérico das sessões. Texto, ano, 2015
- SILVA Junior, Antonio Ivan. Egrégora e o Livro da Lei. Texto, 2012.



O OLHO QUE TUDO VÊ E SUAS MULTIFACES

Por: Dhyego Alessandro Costa

O símbolo do "Olho que Tudo Vê" tem fascinado e intrigado culturas em todo o mundo, ao longo dos séculos. Presente em diversas formas e contextos, ele tem sido associado a diferentes significados e conceitos, despertando curiosidade e especulação. Neste pequeno texto, vamos explorar as múltiplas interpretações desse símbolo em diferentes culturas, examinando obras literárias e filosóficas que abordam o tema.

Uma das primeiras aparições do Olho que Tudo Vê pode ser encontrada na mitologia egípcia, onde era conhecido como "O Olho de Hórus". Representando a visão divina e a proteção dos deuses, esse símbolo era associado ao sol e à lua, e considerado um amuleto poderoso. Além disso, o Olho de Hórus também representava a capacidade de ver além do óbvio, proporcionando sabedoria e conhecimento. Na tradição judaico-cristã, esse símbolo é frequentemente relacionado à onipresença e onisciência de Deus. Encontramos referências a essa imagem na Bíblia, onde é descrito como o "olho que vigia sobre Israel". Essa interpretação transmite a ideia de um poder superior que está constantemente observando e protegendo a humanidade.



Figura 1: Olho de Hórus, segundo a cultura egípcia.

Ao longo da história da arte e da literatura, o Olho que Tudo Vê tem sido explorado como um tema simbólico e inspirador. Um exemplo notável é o romance clássico "1984", de George Orwell. Nessa obra distópica, o Grande Irmão é representado por um Olho gigante que simboliza a vigilância constante do Estado sobre seus cidadãos. Essa imagem evoca medo e opressão, refletindo preocupações sobre o abuso de poder e a perda da privacidade. Outra obra que merece destaque é "O Grande Gatsby", de F. Scott Fitzgerald. Neste romance icônico, o Olho de T. J. Eckleburg, pintado em um cartaz publicitário, é usado para representar a impessoalidade e o vazio moral da sociedade americana dos anos 1920. O Olho observa indiferentemente as ações dos personagens, refletindo a ausência de um poder superior ou moralidade universal.

O simbolismo desse elemento também encontrou seu caminho na cultura pop e na sociedade moderna. Muitas vezes, é associado a teorias da conspiração e ao controle

governamental. Em filmes como "O Senhor dos Anéis", a presença do Olho de Sauron representa a busca pelo poder absoluto e a necessidade de resistência contra a opressão.

Além disso, os sentidos esotérico e ocultista, que o veem como um símbolo de despertar espiritual e conhecimento interior. Essa interpretação ressalta a ideia de que o verdadeiro poder e entendimento residem dentro de cada indivíduo, e que o Olho representa a capacidade de alcançar uma visão mais profunda e intuitiva.

Na tradição cabalística judaica, o Olho que Tudo Vê é conhecido como "Ayin" e representa a visão divina e a presença transcendente de Deus. É associado ao conceito de "Ein Sof", que significa "o Infinito". Nessa interpretação, o Olho é um símbolo de iluminação e a capacidade de perceber além das aparências físicas, conectando-se com a essência espiritual do universo. Em sua obra "A Cabala Mística", Dion Fortune descreve o Olho como "o órgão da alma que nos permite ver além do mundo físico e acessar as esferas espirituais superiores". Essa visão interior proporciona insights profundos sobre a natureza da realidade e a verdadeira natureza da existência.

Na tradição hermética, o símbolo está relacionado à ideia de "correspondência", um dos princípios fundamentais da filosofia hermética. Esse princípio afirma que o que está acima é como o que está abaixo, e vice-versa. O Olho é visto como um símbolo da conexão entre o macrocosmo e o microcosmo, representando a união do divino com o humano. Na obra "O Caibalion", atribuída aos Três Iniciados, o Olho é mencionado como um símbolo da mente desperta e do conhecimento transcendental. Ele representa a capacidade de observar e compreender as leis universais que governam o universo e nossa própria existência.

Na tradição maçônica, é representado no Grande Selo dos Estados Unidos e é amplamente associado à essa Ordem e à sua busca pelo conhecimento espiritual e aprimoramento pessoal. Na obra "O Livro da Maçonaria", de Albert Mackey, o Olho é descrito como um emblema da divindade, representando o olhar atento e benevolente do Grande Arquiteto do Universo sobre a humanidade.



Figura 2: O grande selo dos Estados Unidos

Esse símbolo também representa a necessidade de autoconhecimento e busca contínua pela verdade.

Sendo mais específico, ao falar da Maçonaria e usando um dos textos do renomado filósofo francês do século XX, René Guénon, é possível notar a sua crítica ácida ao falar da interpretação do símbolo na Maçonaria. Guénon considerava o "Olho que tudo vê" um símbolo importante e complexo, mas ele afirmava que a interpretação maçônica desse símbolo era superficial e deturpada. Para Guénon, a Maçonaria moderna havia perdido a conexão com as raízes espirituais mais profundas e se tornara uma organização principalmente externa, preocupada com rituais e cerimônias externas, em vez de um caminho interior de transformação espiritual.

Ele argumentava que o "Olho que tudo vê" é um símbolo universalmente presente em várias tradições espirituais, como o simbolismo do Terceiro Olho nas tradições orientais. Para Guénon, esse símbolo representava a visão espiritual interna, a capacidade de ver além das aparências materiais e perceber a realidade essencial. No entanto, ele afirmava que a Maçonaria moderna havia reduzido esse símbolo a uma mera representação externa, sem compreender seu significado espiritual mais profundo. Suas análises e críticas à Maçonaria são parte de uma visão mais ampla sobre a decadência da espiritualidade e a necessidade de um retorno às tradições espirituais autênticas.



Uma das razões para esse símbolo estar presente no retábulo do delta maçônico, tem ligação direta com a cultura e simbologia egípcia. A lenda "híramica" na Maçonaria, tem sua origem nos arquétipos da lenda que narra a morte de Osiris. Sem entrar em muitos detalhes, Osiris também é morto por um invejoso, o deus Set, como na lenda de Hiram Abiff, que é morto por companheiros invejosos. Outra semelhança, é de que o corpo de Hiram é encontrado enterrado sob um ramo de acácia e, na lenda egípcia, o sarcófago de Osiris é achado por Isis embaixo de uma árvore. Osiris é substituído por Hórus no governo dos vivos, enquanto Osiris passa a governar o mundo dos mortos, segundo a cultura egípcia. Essa lenda carrega uma relação sutil com a Maçonaria, uma vez que o mestre ensina e governa os trabalhos na Loja, ele substitui a Hiram Abiff no ensinamento e governo dos trabalhos na construção do templo de Salomão. Por isso no retábulo do delta

maçônico há "olho que tudo vê", que na verdade é o "Olho de Hórus" da cultura egípcia. Uma curiosidade interessante, é que o delta maçônico, nunca traz o olho direito, porque é o símbolo de Rá, ou vertical (central), na testa, que seria o chamado "terceiro olho", pertencente aos deuses da cultura hindu e budista, mas sim, um olho esquerdo, que é justamente o olho que simboliza Hórus na cultura egípcia.

Portanto o "Olho que Tudo Vê" é um símbolo complexo e multifacetado, que possui interpretações variadas em diferentes culturas ao redor do mundo. Desde a mitologia egípcia até a literatura distópica moderna, esse símbolo tem sido utilizado para transmitir conceitos como sabedoria divina, vigilância governamental, impessoalidade social e despertar espiritual. Suas representações nas obras literárias e filosóficas nos convidam a refletir sobre o papel da observação e da consciência em nossas vidas. O Olho que Tudo Vê, portanto, continua a ser um ícone poderoso que nos incita a questionar e explorar os mistérios do mundo ao nosso redor.

I.N.R.I – UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA DO ESOTERISMO CLÁSSICO

por: Emanuel Tadeu Coutinho Machado

As letras que formam a palavra INRI são comumente associadas a uma frase latina colocada no cimo da cruz do Cristo pelos romanos, representando *Ieshua Nazarenus Rex Iudeorum* – Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus. No entanto, essas letras foram relacionadas, por muitas tradições, esotéricas, filosóficas e teológicas, a vários significados ao longo da história.

A título de exemplo, os alquimistas medievais sugerem que as letras se referem a frase *Ignis Natura Renovatur Integra* – Tudo na Natureza é Renovado pelo Fogo. Ou ainda *Ignis Nitrum Raris Invenitum* – O brilho é raramente encontrado no fogo.

Os Jesuitas associaram as letras a frase *Iustus Necare Regis Impius* – É justo matar um rei ímpio.

Embora ofereçam interpretações mais populares, no

âmbito da tradição simbólica e iniciática, tais letras possuem significação mais ampla para os candidatos ao adeptado maçônico, e devem ser objeto de constante reflexão e estudo.

A Maçonaria possui raízes profundas nas tradições simbólicas iniciáticas ocidentais, que possuem sua maior expressão nas tradições Cabalística, Gnósticas e Egípcias. Portanto, os desdobramentos de um estudo aprofundado da palavra INRI, quando associado a tais tradições, oferecem importantes elementos de orientação ao estudante Maçom.

Acerca da tradição hebraica, podemos associar as letras latinas INRI às letras iniciais hebraicas que fazem referência aos elementos antigos: Yam (água), Nour (Fogo), Ruach (Ar) e Yebeshah (Terra). Daí cabe ampla associação, porém a mais importante se refere aos equivalentes hebraicos das letras latinas, que ficam como segue:

I: Yod N: Nun R: Resh I: Yod

A tradição astrológica associa as letras hebraicas aos seguintes equivalentes:

I: Yod: Virgem

N: Num: Escorpião.

R: Resh: Sol.

I: Yod: Virgem

Os símbolos astrológicos possuem a seguinte associação: Virgem se refere a pureza original da natureza, a um estado de inocência edênica. Escorpião se relaciona à morte ou a transformação iniciática, que se dá de forma violenta ou súbita. O Sol, por sua vez, é o símbolo da luz, do centro que a tudo alimenta, sendo relacionado também a ressurreição. Como tudo na astrologia faz referência aos ciclos da natureza celeste, podemos correlacionar esta simbologia com os ciclos das estações. Ao final do inverno no hemisfério norte o sol ilumina fracamente, tem seu ocaso e morte e a vida na terra se recolhe. Tudo se renova e renasce na primavera, e o mundo reinicia seu ciclo de esplendor. Virgem e Escorpião são a antítese, o nascimento e a morte.

Por outra via a tradição hermética associa os signos astrológicos as antigas divindades egípcias: I: Yod:

Virgem: Isis.

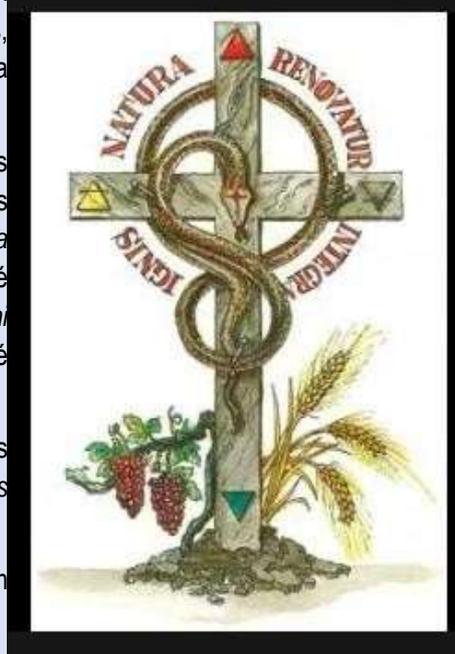
N: Num: Escorpião: Apophis (Set). R: Resh: Sol: Horus.

I: Yod: Virgem: Isis.

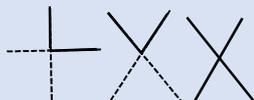
Aqui cabe fazer uma interpretação simbólica com a situação do homem em estado pré edênico. A humanidade vivia sua primavera virginal no Jardim do Éden. Tal estado é abalado quando da intrusão de Lucifer ou Apophis, o portador da Luz ou do conhecimento do Bem e do Mal. Daí vem a queda na matéria ou o advento do outono. A isto segue que a humanidade ressurgue com Osiris, que é o homem revigorado, aperfeiçoado pela experiência na matéria. Osiris, tal como o Cristo, foi traído e morto na matéria, sendo posteriormente o renovador de todas as coisas. Osiris declara: *“Este é o meu Corpo, que eu destruo, para que possa ser renovado”*.

Isis – Apophis – Osiris, formam com suas iniciais IAO, que é a divindade máxima dos gnósticos.

Este processo de iluminação é sintetizado na palavra latina LUX, que designa a luz. Isso se refere a um



processo divino que transforma o psíquico do homem e o liga mais estreitamente a sua divindade ou Eu Superior. A palavra LUX, inclusive pode ser interpretada como a luz que emana da cruz de Cristo, pois a grafia latina da palavra é LVX, e todas as letras são partes da cruz:



Um antigo cerimonial iniciático relaciona a grafia da palavra LUX a verbalização das seguintes frases, seguidos de posturas específicas:

L é o sinal do luto de Isis. O adepto aqui reconhece o pesar de Isis pela morte de Osiris por Apophis.

V é o sinal de Apophis e Typhon. Osiris foi assassinado e teve o seu corpo despedaçado por seu irmão Apophis.

X é o sinal de Osiris morto.

Por fim o adepto acrescenta: *“E renascido. Isis, Apophis Osiris. IAO”.*

Os Rosacruz clássicos apresentam uma fórmula semelhante no Fama Fraternitatis: *“Ex Deo Nascimur. In Jesus Morimur. Per Spiritus Sanctus reviviscimus”* – De Deus Nascemos. Em Cristo Morremos. Revivemos pelo Espírito Santo.

A palavra LVX possui ainda um equivalente numerológico romano ao número 65 (L+V+X). Este número então pode ser relacionado simbolicamente a luz ou iluminação. Ocorre que na interpretação cabalística, o iniciado deverá procurar unir-se ao Eu Superior, simbolizado aqui pela palavra hebraica Adonai (אדני). Esta última pode ser traduzida por *“Meu Senhor”*. Uma interpretação gemátrica – ou do simbolismo numerológico presente nas palavras hebraicas – indicam que suas letras possuem a seguinte correspondência:

Aleph א – 1. Daleth ד – 4. Nun נ – 50. Yod י – 10.

Totalizando 65.

Podemos então identificar uma relação entre LVX e Adonai.

Para o estudante Maçon, que aspira o Mestrado e as trilhas nos graus superiores que seguirão, a compreensão de INRI como um emblema simbólico é uma referência decisiva para o entendimento de que o caminho iniciático leva a um *re-ligare* ao Eu Superior, a um estado edênico, porém

que agora é sublimado e aperfeiçoado pela experiência do *renovatur integra* proporcionado pelo processo de desapego material.

QUATRO BOAS RAZÕES PARA O MESTRE MAÇOM INGRESSAR NO ARCO REAL

por: Elder de Lucena Madruga

Por que o mestre maçom deve ingressar no Arco Real, tendo tantas outras opções de Ordens Maçônicas de Altos Graus disponíveis no Brasil? Antes de mais nada é necessário considerarmos que uma coisa não descarta a outra, muito pelo contrário, o que se constata é que o ingresso no Arco Real estimula os irmãos a progredirem em outras ordens. Além disso o Arco Real é um “grau” administrado pelo próprio GOB para a participação de todos os mestres maçons independentemente do rito de sua loja.

Vamos, portanto, citar quatro razões para o mestre maçom ingressar no Sagrado Arco Real:

1ª Devido ao elo indissolúvel entre os graus simbólicos e o Arco Real

Por razões históricas, quando se formou a Grande Loja Unida da Inglaterra, foi adotada uma definição de “pura e antiga maçonaria”, que afirmou que ela consistia em “três graus e não mais, a saber, os de Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom, incluindo a Ordem Suprema do Sagrado Arco Real”.

Como resultado, a Maçonaria simbólica e o Arco Real tornaram-se indissolúvelmente ligadas administrativa e tematicamente.

Infelizmente essa definição ficou sujeita a interpretações equivocadas ao longo do tempo e, até recentemente, a visão geral era de que o Arco Real seria a conclusão do grau de mestre maçom. Na verdade, essa opinião foi tão amplamente difundida que, na cerimônia, o candidato era informado de que ele não havia feito um quarto grau, mas sim que havia completado o terceiro.

Essa afirmação era ilógica e um tanto insultuosa para aqueles mestres maçons que preferiram não ir além do grau três. Ilógica porque o Terceiro Grau é completo em si mesmo, e insultuosa porque significaria dizer que aqueles que não ingressassem no Arco Real seriam, de alguma forma, Mestres Maçons incompletos ou de segunda classe.

2ª Completar a jornada através da “pura e antiga maçonaria” seria o segundo motivo para ingressar no Arco Real

Nosso progresso através da maçonaria constituiu-se em uma jornada de autodescoberta e autoconhecimento.

Nos graus simbólicos somos apresentados a regras e princípios eminentemente práticos os quais, se aplicados em nossas vidas, poderemos viver uma vida de serviço ao próximo e agradável a Deus, além de O adorarmos.

Porém não somos simplesmente seres práticos.

Temos um aspecto espiritual vital em nossa natureza, que é abordado no Arco Real. Em suma, o Arco Real, sem transgredir os limites da religião, convida o candidato a refletir sobre a natureza de Deus, e seu relacionamento com Ele.

Dessa forma, o Arco Real completa o homem, conduzindo-o do prático ao espiritual, e a maçonaria simbólica e o Arco Real constituem em seu conjunto a “pura e antiga maçonaria”.

3ª O cerimonial e o próprio ritual

Bem trabalhada, a cerimônia de exaltação ao Arco Real é uma das mais belas e impressionantes da Maçonaria.

Mais dramática do que as da Maçonaria Simbólica, o clímax da cerimônia deixa uma vívida lembrança em todos os que passam por ela. Fazê-la sem improvisos exige dos principais oficiais um árduo trabalho de estudos e ensaios.



G

Glass Temper
Vidraçaria

Para amenizar o trabalho dos principais oficiais, o Supremo Grande Capítulo tem incentivado os Capítulos a compartilhar o trabalho. Isso tem três vantagens: diminui a carga sobre os principais oficiais, permite que mais companheiros participem ativamente da cerimônia em vez de ficarem sentados como espectadores, e permite que os membros mais novos aprendam o ritual em seu próprio ritmo, se preparando para futuramente assumirem os cargos.

4ª O companheirismo e o prazer

É raro um capítulo reunir membros apenas de uma só loja. Ao ingressar em um capítulo, além de você aumentar seu conhecimento maçônico, aumentará também seu círculo de relacionamentos, o que, por sua vez, poderá ampliar sua experiência e conhecimento maçônicos.

Mas acima de tudo, ingressar no Arco Real aumentará seu gosto pela maçonaria, trazendo consigo novas experiências, novos *insights*, e novos companheirismos, que contribuirão para maior proveito e prazer.

Traduzido com adaptações do texto original de **John Hamill**, Diretor de Projetos Especiais da GLUI. Fonte: <https://www.freemasonrytoday.com/features/why-join-the-royal-arch-four-good-reasons-from-john-hamill>



Capítulo: O Guarani nº 114



Capítulo: Rei Eduardo VII nº 55



Capítulo: Baal Hasulam nº 115



Capítulo: Aurora nº 150



A INICIAÇÃO MAÇÔNICA E O SALMO 91

por: Richard Dylan Silva

Esta singela obra teve seu germe no cotidiano maçônico de intervisitação, neste caso, baseada em uma instrução ministrada pelo V.M. Thiago Carone da Loja Bahir N° 3938 do GOB, referente à ligação do Salmo 91 e a ritualística de iniciação. A simbologia da Sagrada Escritura está enraizada em cada recanto do Templo Maçônico, assim como claramente expressa nos Rituais dos 3 Graus, contudo, sua influência se expande ainda mais na ritualística, embora velada aos véus da ignorância. A descrição de cada versículo no original em hebraico é peça fundamental não só para o estudo de numerologia, introspecção, como também oportuniza acesso aos arquétipos que a ritualística de iniciação maçônica atua sob a luz do inefável.

91:1 AQUELE que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.

יְתֹלֹנָן: YTĒLONÂN: descansará. {alter.: morará}	שָׁדַי SHADAY Onipotente	בְּצֶלַל BĒTSELà sombra do
עֲלֵיוֹן EĒYON Altíssimo,	בְּסֵתֵר BĒSETER no esconderijo do	יֹשֵׁב YOSHEV AQUELE que habita

Referência a Câmara de Reflexões, uma caverna repleta de símbolos herméticos que remetem a introspecção da formula V.I.T.R.I.O.L - *Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem*, o primeiro passo da iniciação do caminho revelatório do Eu Inferior, Deus Intimo do Microcosmo.

91:2 Direi do SENHOR: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.

אֶבֶטַח-בוֹ EVĒTACH-BO: nele confiarei.	אֱלֹהֵי ELOHAY meu Deus,	וּמְצֻדָּתִי UMĒSUDÁTY e minha fortaleza,
מַחְסֵי MACHĒSY meu refúgio,	לַיהוָה LAYHVH do SENHOR:	אֹמַר OMAR Direi

Desde o momento que lhe é velado a visão com uma venda, o neófito nunca está de fato só, tanto nos momentos em que está sentado em meditação quanto na circunvolução das viagens iniciáticas, seu guia se apresenta expressando confiança e proteção na jornada.

91:3 Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciososa.

הַזֹּאת: HAVOT: perniciososa.	מִדְּבַר MIDEVER (e) da peste	יָקוּשׁ YÁQUSH passarinho,	מִפַּחַח MIPACH do laço do
יִצִּילֶךָ YATSYLĒKHA te livrará	הוּא HU ele	כִּי KY Porque	

O véu de Maya ou de Ísis simboliza a ilusão material que é enxergada pelo profano em cada momento do seu dia, são as trevas da ignorância de forma literal é interpretada no laço que veda a visão do candidato, este por indução deve ser guiado a verdadeira iniciação que ocorra dentro de si mesmo.

91:4 Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas estarás seguro: a sua verdade é escudo e broquel.

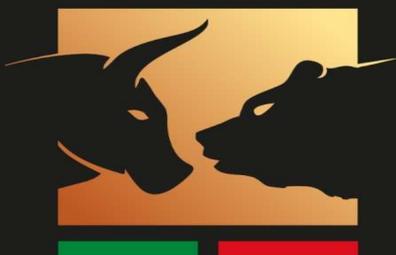
אֱמִתּוֹ: AMITO: (é) a sua verdade	וּסְחָרָה VĒSOCHERĀH e broquel.	צִנָּה TSINĀH escudo	תְּחֶסֶה TECHĒSEH estarás seguro:
וּתְחַת־כַּנְפָּיו VĒTACHAT- KĒNĀFĀYV e debaixo das suas asas	יִסְרֶךָ YÁSEKH LĀKH Ele te cobrirá	בְּאַבְרָתּוֹ BĒĒVĒRĀTO com as suas penas,	

“De baixo das suas asas te confiarás”, momento em que o neófito presta o juramento perante o sagrado livro da lei, sendo protegido por dois querubins (expertos/diáconos) que formam o pálio com suas asas (espadas/bastões), fazendo alusão a Arca da Aliança símbolo da consciência e corpo humano, na qual estão depositados os segredos da Arca.

91:5 Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia.

יּוֹמָם YOMĀM: de dia.	יְעוּף YÁUF que voe	מַחֵץ MECHETS seta {lit.: de seta}
מִפַּחַד לַיְלָלָה MIPACHAD LĀYĒLĀH espanto noturno,	לֹא-תִירָא LO-TYRĀ Não temerás	

Simboliza as trevas que precedem toda a caminhada do neófito, enquanto vendado, antes que possa lhe ser dado a LUX, fruto do seu desejo íntimo, que ao ser desvendado, vislumbra diversas setas voltadas para si (espadas empunhadas pelos demais maçons).



91:6 Nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio-dia.

צְהָרַיִם TSÁHORÁYM: (ao) meio-dia.	יָשׁוּד YÁSHUD que assole	מִקְטֵב MIQETEV mortandade {epidemia}
יָהָלֶךְ YAHALOKH que ande	בְּאֶפֶל BÁOFEL na escuridão,	מִדְבַּר MIDEVER Peste {peste}

“Escuridão” e “meio-dia” são aspectos da Coluna do Aprendiz, na qual futuramente o candidato irá pertencer, caso encontre sucesso em seu desafio iniciático.

91:7 Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido,

יָגַשׁ YGÁSH: {chegarà}	לֹא LO não	אֵלַיךְ ELEYKHA {a ti}	מִיְמִינֶךָ MYMYNEKHA à tua direita, {lit.: de tua direita}
וְרֵבְבָה URÉVÁVÁH e dez mil	אֶלֶף ELEF Mil	מִצְדָּךְ MITSIDĒKHA ao teu lado, {lit.: de teu lado}	יֶפֶל YPOL cairão

Após não ser aprovado no cálice do amargor, o candidato das duas colunas é ovacionado com palavras de intimidação e derrota.

91:8 Somente com os teus olhos olharás, e verás a recompensa dos ímpios.

תִּרְעֶה: TIRĒEH: verás	רְשָׁעִים RĒSHÁYM ímpios.	וְשִׁלְמַת VĒSHILUMAT e (a) recompensa dos
תִּבְיֹט TABYT olharás,	בְּעֵינֶיךָ BĒEYNEYKHA com os teus olhos	רַק RAQ Somente

Na iniciação do Rito Adonhiramita, como em outros ritos, é retratado a recompensa para aqueles que traem as leis da Ordem, a recompensa é da decapitação exposta como lição aos ímpios.

91:9 Porque tu, ó SENHOR, és o meu refúgio! O altíssimo é a tua habitação.

מְעוֹנְךָ: MEONEKHA: {tua habitação}	שָׁמַתָּ SAMĒTÁ {colocaste}	עֲלֵיוֹן ELEYON {(no) Altíssimo}
מַחְסֵי MACHĒSY (és o) meu refúgio!	יְהוָה YHVH (ó) SENHOR,	כִּי-אֶתָּה KY-ATÁH Porque tu,

Toda e qualquer cerimônia maçônica, é feita a glória do Grande Arquitecto do Universo, é nele que o neófito deposita sua fé e segurança, é para o alto (transcender o conhecimento) que se busca a iluminação.

91:10 Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.

בְּאֶהְלֶךְ: BĒÁHOLEKH A: tua tenda.	לֹא-יִקְרַב LO-YQĒRAV {não chegará à}	וְנִגַּע VĒNEGA nem praga (alguma) {lit.: e praga}
רָעָה RĀÁH (Nenhum) mal	לֹא-תֵאָנֶה אֵלַיךְ LO-TĒÚNEH ELEYKHA {não sucederá a ti}	

A tenda ou tabernáculo, veio a se desenvolver no Templo de Salomão, este sendo fortemente protegido pelo Cobridor Interno, que sela todo mal e praga que intenta penetrar nos augustos trabalhos.

91:11 Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.

בְּכָל-דְּרָכֶיךָ: BĒKHÁL- DĒRÁKHEYKH A: em todos os teus caminhos.	לְשִׁמְרֶךָ LISHĒMĀRĒKHA para te guardarem	יְצַוֶּה-לְךָ YĒTSAVEH-LÁKH dará ordem a teu respeito,
מִלְאָכָיו MALĒÁKHÁYV (aos) seus anjos	כִּי KY Porque	



91:12 *Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.*

רגלך: RAGÉLEKHA: (com o) teu pé	באבן BÄEVEN em pedra.	פן-תגף PEN- TIGOF para que	ישאונך YSÄUNĒKHA Eles	על-כפיים AL- KAPAYM nas (suas) mãos,
		para que	sustentarão	nas (suas) mãos,
		tropeces		

Referência direta a participação do M.:C.: atuando como um Santo Anjo da Guarda na condução em segurança do neófito, o sustentando pelas suas mãos no caminho de viagens repletas de adversidades, até que por fim, possa adentrar no Oriente Geográfico e Celestial, o Sanctum Sanctorum do Templo.

91:13 *Pisarás o leão e a áspide; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.*

ותנין: VĒTANYN: e (a) serpente.	כפיר KĒFYR (o) filho do leão	תרמס TIRĒMOS calcarás aos pés
תדרך TIDĒROKH Pisarás	ופתן VĀFETEN e a áspide;	על-שחל AL-SHACHAL o leão {lit.: sobre leão}

Em sua árdua caminhada nas trevas, o neófito peregrina pelo símbolo da dualidade, o piso mosaico traz a geometria da quadratura em tons brancos e pretos, as energias polares tendo o Leão, como base dos atributos do divino e da bondade e a Serpente, os atributos viciosos e libidinosos.

91:14 *Pois que tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei num alto retiro, porque conheceu o meu nome.*

שמי: SHĒMY: meu nome.	כי-ידע KY-YĀDA porque conheceu	אשגבהו ASAGĒVEHU pô-lo-ei num alto retiro,
ואפלטהו VAAPALĒTEHU também eu o livrarei;	ביחשק VY CHĀSHAQ me amou, {lit.: em mim amou}	כי KY Pois que

Seja pelo juramento no Livro da Lei (que possibilita conhecer o nome do Altíssimo), como pela prática da caridade e profundo estudo e meditação na Arte Real, todos os caminhos levam a plenitude que Deus concede para aqueles que vivem genuinamente sobre suas

diretrizes. A iniciação ' – Yod, no dossel acima da mesa do VM, ilumina o caminho para o conhecimento do nome inefável.

91:15 *Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; livrá-lo-ei e o glorificarei.*

ואכבדהו: VAAKHABĒDEHU: e o glorificarei.	אחלצהו ACHALĒTSEHU livrá-lo-ei	בצרה VĒTSĀRĀH na angústia;
עמו-אנכי IMO-ĀNOKHY (estarei) com ele	ואענהו VĒEENEHU e eu lhe responderei;	יקראני YQĒRĀENY Ele me invocará,

“Bateis e vos será atendido” preceito que é realizado tanto a disposição do candidato em ser maçom, quanto literalmente nas batidas que o mesmo faz para adentrar no Templo.

91:16 *Dar-lhe-ei abundância de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.*

בישועתי: BYSHUĀTY: (a) salvação.	ואראהו VĒARĒEHU minhae	אשביעהו ASĒBYEHU {saciá-lo-ei}	אך ימים OREKH YĀMYM {(com) abundância de dias}
--	------------------------------	--------------------------------------	---

Concluída a cerimônia de iniciação, o agora aprendiz maçom terá uma longa caminhada em sua jornada maçônica, buscando sempre a luz do conhecimento que foi fracamente lhe mostrado durante a cerimônia, sendo necessário sua busca incessante acompanhada com a prática da caridade.

Esta breve conexão da cerimônia de iniciação maçônica com o salmo 91 das sagradas escrituras em suas múltiplas formas de análise auxilia a expandir o entendimento que temos de nossa ritualística, como também o elo sagrado que esta tem com a tradição hebraica. Cada palavra empregada no hebraico contém o segredo místico da gematria, cada conjunto na frase vela um cenário de tempos imemoriáveis, onde os humanos comungavam com os anjos e diretamente como o próprio criador. Hoje em nossas cerimônias, pequenos detalhes correspondem a arquétipos de algo que transcende ao entendimento humano, iluminado apenas pela busca interminável pela luz.

Referências:

- <https://hebraico.pro.br/>
- Torá
- Ritual de Aprendiz Maçom – G.:O.:B.
- Grau de Aprendiz Maçom e Seus Mistérios – Jorge Adoum.



COMO ME SINTO NA MAÇONARIA? SOU OU ESTOU MAÇOM?

por: Luciano Gama Queiroz

Quero começar esse breve artigo fazendo um pequeno questionamento, após a sessão de iniciação, somos maçom ou estamos maçom? Essa pergunta me faz refletir sobre esses dois verbos, SER e ESTAR, pois, hoje é comum falarmos “sou maçom, sou mestre, sou grau 33, sou mestre instalado etc.”, mas será que realmente somos? Será que não estamos invertendo o ser pelo estar?

Falar desses dois verbos não é uma tarefa fácil, pois precisamos entender o que realmente cada verbo representa.

Segundo o Dicionário Online de Português,

“ser” significa “possuir identidade, particularidade ou capacidade inerente; [...] pertencer ao conjunto dos entes concretos ou das instituições ideais e abstratas que fazem parte do universo.”

O “ser” é considerado algo constante, algo que acontece e que não pode ser alterado, ou então não pode ser recusado, devido que aquilo está de forma essencial dentro do mais profundo caso.

Seguindo o mesmo pensamento de pesquisa do Dicionário Online de Português, podemos achar explicações para o verbo “estar”

possuir ou expressar certo estado provisório; continuar em determinada circunstância por certo tempo; [...] possuir certo ofício ou ocupação; [...] demonstrar especialidades ou atributos que permitem uma relação entre algo e alguém.

Depois dessas definições apresentadas, nota-se que muitas coisas que se vivencia e que acontece dentro de nossa instituição e principalmente com o próprio maçom, é provável que o verbo “estar” se faz mais presente que o “ser”.

Ao falarmos de “ser” e “estar”, devemos ter cuidado, porque enquanto um evidencia a capacidade de ter conquistado ser parte intrínseca, o outro demonstra essa transitoriedade, essa possibilidade de “perder” de não estar mais com aquilo que acreditava ser seu.



Nós devemos apreender mais a concepção do “ser” e saber distinguir esta do “estar” de forma que aprendamos a valorizar e defender especialmente aquilo que faz parte de nós e que não pode ser “arrancado”. Em compensação, devemos também aprender a trabalhar com o “estar”, colocando dentro dele tudo aquilo que é básico para que seja bem aplicado, dando a ele o sentido necessitado no momento necessitado, sabendo que o “estar” pode ser concluído a qualquer momento.

ESTAR E SER MAÇOM

Ser maçom é partir de um princípio onde se tem amor pela instituição e estarmos engajados nas atividades para que juntos, consigamos transformar ainda mais a sociedade, através dos estudos maçônicos e assim despertar a criatividade; desenvolver o senso crítico e incentivar o ato de reflexão através do conhecimento.

PEREIRA, (2007), afirma, que:

“estar” maçom, implica um estado não permanente, não acabado no mergulho do propósito de fazer a diferença, de almejar com vontade de recriar o que nunca foi criado, de estar indisponível no tempo disponível, o de realizar com muito custo o mínimo do máximo esperado por aqueles que acreditaram que o irmão poderia fazer a diferença.

Como podemos ver na citação acima, “estar” maçom o irmão por mais regular que esteja com suas obrigações peculiares e frequência em dia, muitas vezes o irmão não quer participar das atividades de sua loja, não apresentar uma peça de arquitetura e quando na vida profana não pratica o que a filosofia maçônica ensina. Além disso, quando o assunto é estudo, não participa, provavelmente por acreditar



que não há mais o que aprender e assim deixa de cumprir o que diz nossa Constituição do Grande Oriente do Brasil no seu capítulo 1, inciso II no qual a Maçonaria – **“pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade”**. Como o irmão pode cumprir com esse inciso se ele não dedica tempo para o estudo e para produzir pequeno artigo com temas voltados a esses fins? Há, por exemplo, o maçom que não possui habilidades para escrever ou fazer oratórias impecáveis e no entanto, sua conduta pode refletir a intensa aquisição de virtudes.

Acredito que ser maçom é posicionar-se perante todos, despir-se de graus, títulos e honrarias e desenvolver relações horizontais com os irmãos, criando vínculos e identidade com todos, sempre disponível em ajudar, instruir e participar dos eventos maçônicos. No entanto, ser maçom não é uma tarefa fácil.

Muitas vezes é fácil identificar quem estar maçom, pois não pratica os ensinamentos maçônicos; deixa de doar no tronco para pagar a “bebedeira” ao final da sessão; deixa sua família lhe esperando até voltar para casa duas ou três horas após a reunião; trata mal seus funcionários, familiares, amigos e irmãos; disputa pra vê quem tem maior grau ou quem foi o melhor venerável e tantas outros vícios que ainda precisam ser vencidos, demonstrando que a Pedra Bruta ainda está em eterna lapidação..

Gonçalves (2010) nos convida para uma reflexão quando nos falar que

“está mais do que na hora de nos despirmos do modus profano. Se tirarmos as nossas máscaras e darmos um passo em direção ao autêntico “ser maçom”. Está na hora de sermos maçons.

Reconheça que você não é o centro do universo!

Reconheça que outros podem vivenciar mais a maçonaria do que você!

Reconheça que graus de nada servem se seu coração e atitudes não passaram daquelas do grau 1 (pedra bruta)!

Reconheça que ser Mestre Instalado não lhe dá direitos acima de seus Irmãos!

Reconheça que tem pesquisado, estudado e refletido muito pouco em nossos símbolos, alegorias e ritualística!

Reconheça que tem faltado às sessões porque se acha melhor que aqueles que estão sempre lá, gostando ou não, ajudando nos trabalhos em Loja.

Reconheça que se é verdade que Maçonaria não se faz somente em Loja, também o é verdade que sem estar em Loja não se faz Maçonaria! É na Loja que exercitamos o submeter minhas vontades e fazer novos progressos na maçonaria. Não se iluda.

Reconheça que a Maçonaria não é clube social, partido político, confraria da cerveja ou o quintal de sua casa, terraço de seu apartamento, sala de seu trabalho, mas uma Ordem INICIÁTICA.

Reconheça, por fim, que você não é dono da Loja.

Deixe que as alegorias e símbolos tomem forma em seu interior e se manifestem em suas atitudes, não em meras palavras.

Deixe que o movimento da egrégora maçônica lhe tome a mente, o coração.

Deixe que a humildade aflore em suas palavras e ações. Não tema, pode baixar a guarda, você está entre Irmãos.

Por fim, busquei demonstrar que embora exista essa dicotomia entre “ser” e “estar” maçom, o maçom deve ser aquele que é capaz de envolver a discussão a elaboração de novos meios de entendimento. Ser maçom não é apenas possuir graus, títulos e tempo de maçonaria, muito mais do que isso, é a capacidade de desenvolver-se e perceber-se dia após dia com sua postura diante dos irmãos, seus familiares, e em cada nova alvorada estar disposto para novas descobertas.

REREFÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- Constituição do Grande Oriente do Brasil
- DICIO. **Dicionário Online de português**. Disponível em
- <<https://www.dicio.com.br/ser/>>. Acesso em 26 de junho de 2020.
- GONÇALVES, César Luís Bueno, **NINGUÉM É MAÇOM, SOMOS RECONHECIDOS COMO TAL**, 15 de junho de 2010, Vivência Maçônica
- PEREIRA, Fernando Augustos, **Ser ou Estar Maçom**, 2007



SÍSIFO, A NATUREZA DA VIDA E O PROCESSO DE MATURAÇÃO MAÇÔNICO

por: Adelino Lourenço Neto

“Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela.”

Albert Camus

Mitos são sementes simbólicas que nos trazem ensinamentos acerca do homem e do modo como se viver, reportando-se à aspectos que perpassam as eras e tangenciam os valores perenes da condição humana. Nesse sentido, os mitos transformam, edificam e moldam o pensamento e as ações humanas através do tempo, potencializando a capacidade de percepção, despertando novas perspectivas e conferindo valores identificáveis através de elementos simbólicos consagrados.



Figura 1: Sísifo é condenado pelos Deuses a empurrar uma pedra eternamente ao topo de uma montanha que desliza novamente ao ponto inicial. Será que todo esse esforço faz sentido?

A Maçonaria, em seu aspecto simbólico, alegórico e iniciático, também traz seus valores que prezam pelo aperfeiçoamento e desenvolvimento pessoal e social, trazendo à tona potencialidades e desafios necessários ao aprimoramento do Maçom. Mas, como em todo processo de construção individual, podemos esbarrar na rotina que pode provocar uma certa desmotivação, uma acrasia, lassidão e comodismo que nos estagnam e tiram a motivação e a inspiração necessárias para o nosso desenvolvimento. O mito de Sísifo é um belo exemplo no qual podemos nos balizar e trazer aprendizados que despertem a chama de nosso propósito quando tudo parece não mais fazer sentido.

Filho do rei da Tessália, Sísifo foi considerado o

mais astuto e prudente dos mortais, um dos primeiros a dominar a escrita e fundador e rei da cidade de Corinto. Sua inteligência, sagacidade e persuasão trouxe a ira dos Deuses. O primeiro deles foi Zeus, ao testemunhar contra ele, afirmando que havia sequestrado Egina, esposa de Asopo, em troca de uma fonte de água doce a sua cidade. Furioso, Zeus encaminha Tânatos para levar Sísifo ao submundo. Mais uma vez Sísifo, em sua esperteza, ludibria Tânatos com um presente, que na verdade era uma corrente e o aprisiona. Essa situação fez com que ninguém morresse por esse período. Isso provocou a ira de Ades, o deus da guerra, pois não há guerras sem morte. O próprio Ades vai a Corinto e liberta Tânatos para que cumpra sua missão e possa levar Sísifo até Hades no submundo. Já prevendo essa situação, Sísifo pede a sua esposa que não preste homenagens fúnebres a ele caso morresse. No submundo, o mortal Sísifo foi recebido por Hades e sua esposa, Perséfone. Ele pediu ao deus para deixá-lo voltar ao mundo dos vivos para repreender sua esposa Mérope, pois ela não o havia enterrado de maneira adequada. Depois de muito insistir, Hades concedeu o desejo, mas exigiu que a visita fosse breve. Ele usou essa oportunidade para enganar a morte pela segunda vez.

Ao escapar da morte novamente, ele fugiu com sua esposa e viveu uma vida longa, chegando à velhice. Porém, como todo mortal, uma hora teve que ir ao mundo dos mortos. Quando lá chegou, foi recebido pelos deuses que ele havia enganado. Ganhou então um castigo pior do que a própria morte: o de realizar um trabalho cansativo e sem nenhum propósito por toda a eternidade. Todos os dias, sua tarefa consistia em rolar uma gigante pedra de mármore da base até o topo da colina. Só que quando chegava ao topo, a pedra rolava morro abaixo e ele tinha que recomeçar seu trabalho.

Esse repetitivo e colossal esforço ao qual Sísifo é condenado, aparentemente se mostra inútil pelo eterno resultado apresentado, afinal, sempre que chega ao topo, a pedra rola abaixo para que tudo se inicie novamente. A consciência que Sísifo tem de sua condição, nos revela um ensinamento sobre a natureza da vida, da perseverança diante da rotina e da paixão pelo viver.

No mito, vemos Sísifo como uma inspiração, por sua inteligência e capacidade de criação. Muitos iniciados, ao adentrar em nossa Ordem, vêm bastante motivados, trazendo suas bagagens de conhecimentos, prontos para

compartilhar. No entanto, muitos não compreendem que tudo tem seu tempo, para que, no momento certo, possam demonstrar seu conhecimento e suas habilidades. Cada grau alcançado é uma etapa da capacidade que o Maçom tem em aprender e posteriormente em ensinar. A impaciência e a ansiedade de alguns levam-nos a encarar as sessões e a ritualística como esforços em vão, sem perceber e entender a profundidade dos ensinamentos que estão sendo transmitidos. É importante compreender que cada etapa do caminho possui sua relevância e que é necessário absorver cada ensinamento com humildade e paciência para que possamos evoluir de forma plena em nossa jornada. Tempo, paciência e perseverança nos conferem a integridade e nos habilitam a realizar todas as coisas.

E é justamente a resiliência que confere outro aspecto mitológico e simbólico: a contínua tarefa de empurrar a pedra para o topo da montanha e vê-la rolar para que se inicie tudo novamente. Esse recomeçar, refazer, se esforçar, reconferir, também evoca o nosso trabalho em uma importante obra: o Lapidar de nossa Pedra Bruta.

A rocha de Sísifo nos faz lembrar as dificuldades concretas do criar, do fazer, do persistir e principalmente do existir. Seu peso e a rotina quase que cerimonial da tarefa diária de subida, nos lembram o esforço, paciência e perseverança, características que também estão presentes em nosso mote Maçônico do Lapidar a nossa Pedra Interior. Muitos de nós, por acrasia, impaciência e falta de motivação e entendimento, desistem desse esforço que é diário e que nos acompanhará pelo resto de nossas vidas.

Assim como Sísifo não desiste de empurrar a pedra, mesmo sabendo que terá que recomeçar a tarefa infinitas vezes, nós Maçons também somos chamados a perseverar no labor de nossa Pedra, mesmo diante dos desafios e dificuldades que possam surgir ao longo do caminho. É necessário muita disciplina, resiliência e determinação para iniciarmos e concluirmos nossa transformação.

Sísifo nos mostra uma representação da condição humana de luta constante contra as dificuldades e desafios da vida, que muitas vezes parecem intransponíveis ou sem sentido aparente. Ainda assim, é preciso perseverar e continuar buscando a superação, mesmo que os resultados pareçam ilusórios ou efêmeros, compreendendo que nem sempre se poderá reduzir a realidade a sua vontade. Tudo tem um tempo e um propósito em nossa jornada, e queimar

etapas é perder importantes aprendizados.

Assim como a tarefa de Sísifo parece não ter um sentido aparente e um objetivo claro, seus esforços nos inspiram a continuar e o que parece ser um triste destino, é na verdade um grande triunfo. Assim também devemos seguir nessa inspiração, persistindo e perseverando em nossa jornada e em nossos trabalhos, com o auxílio de nossas ferramentas simbólicas, pois, para que a Grande Obra de nossas vidas seja construída, é preciso continuar, mesmo diante das adversidades e dos percalços que encontramos no caminho. Como diria Albert Camus “A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem”.



Figura 2: Superar o ressentimento e a contingência, agindo com paciência e perseverança, mas acima de tudo, com constância, observando cada golpe e cada lasca nesse eterno trabalho de desenvolvimento individual.

O MEU BISAVÔ MAÇOM [Parte I]

por: Thiago Carone

Esta pesquisa tem como escopo o resgate e valorização do legado familiar, objeto de importância para a *ética maçônica*. Ela investiga parte da história pessoal de Raimundo Nonato da Silva, meu bisavô, e sua possível filiação à Ordem Maçônica, o que agrega interesse historiográfico e hermenêutico à Maçonaria paraense.



FIG. 1: Raimundo Nonato da Silva.

Fonte: Arquivo pessoal.

O meu bisavô materno chamava-se Raimundo Nonato da Silva. Nascido em nove de março de 1918, em Belém do Pará, afrodescendente¹.

Após viver em Belém do Pará, ele estabeleceu sua nova residência na Rua Domingos Ferreira, em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro. Entretanto, continuou vindo a Belém esporadicamente.

A memória mais antiga que tenho dele, e talvez a única, está relacionada ao dia 26 de março de 1997. Nesse período ele estava em Belém, talvez por ocasião da sua festa de aniversário para comemorar com os familiares. Oportunamente, eu estava prestes a fazer a minha primeira apresentação no recital da Casa de Música do SESC - Pa, momento ímpar no qual tocava ao teclado "*Passa, passa, gavião*", uma peça musical composta por Heitor Villa Lobos.

Fiquei surpreso quando soube que meu bisavô fora convidado a prestigiar o referido evento artístico, o "Nonatão", como costume chamá-lo até hoje, haja vista o seu filho, meu avô, ser chamado Raimundo Nonato Filho. Realizado

evento musical e aproximado mais os laços familiares em tarde agradabilíssima, o meu bisavô retornou ao Rio de Janeiro, deixando a saudade e na memória aquele inesquecível encontro. Nunca mais eu o veria novamente.

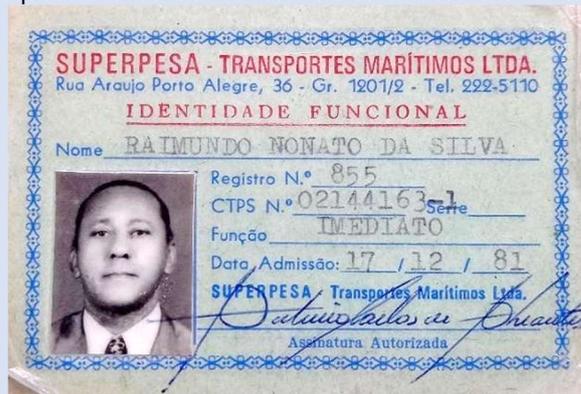


FIG. 2: [frente do documento] Identidade Funcional de Raimundo Nonato da Silva, sob o Registro N° 855 na SUPERPESA – Transportes Marítimos LTDA, na função de Imediato.

Fonte: Arquivo pessoal.

Após esse período de minha infância restaram somente histórias de "causos" da família pelos quais soube um pouco mais da vida do "Nonatão". Também chegou até minhas mãos alguns documentos antigos dele que estavam sob os cuidados de minha mãe, Dalva Silva.

O primeiro destes arquivos que chamou a minha atenção foi a sua Identidade Funcional, da empresa marítima SUPERPESA – Transportes Marítimos Ltda, na qual consta a função dele como Imediato e no verso a sua assinatura maçônica. Ao longo do tempo, este documento se tornou uma importante peça da herança simbólica deixada pelo meu bisavô. Após minha iniciação na Ordem maçônica, já inteirado dos *usos e costumes*, pude compreender com maior acuidade que a assinatura do "Nonatão" tinha alguma relação com a Maçonaria.

Durante muito tempo fiquei meditando na possibilidade de ele ter sido um maçom e no quão maravilhosa seria a nossa convivência no cotidiano e em loja. Identificado o símbolo da tripontuação nos documentos do meu bisavô, iniciei uma pesquisa para descobrir se era possível que ele tivesse sido iniciado.

Essa nova etapa da investigação foi desenvolvida de maneira mais detalhada com base na análise de documentos, tais como cartas, identidades e fotografias nas quais constam a sua assinatura, bem como na história oral de nossa família.

Minha primeira constatação foi a de que em alguns documentos era perceptível a presença da tripontuação, enquanto em outros era colocado somente um ponto simples ao final da assinatura.

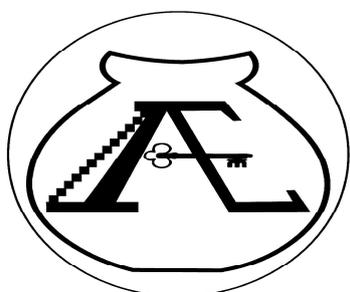




FIG. 3: [verso do documento da fig. 2] Identidade Funcional de Raimundo Nonato da Silva, em que consta o seu RG: 3013514, seu CPF: 12612065768 e na qual podemos observar a assinatura maçônica.

Fonte: Arquivo pessoal.

Intrigado com esses indícios documentais procurei me informar melhor com a minha avó materna, Rosalina Raimunda Vaz da Silva. Entre tantas das conversas que tivemos a respeito da história de nossa família, ela relatou que quando era mais jovem havia observado o Nonatão usando um anel maçônico.



FIG. 4: Fotografia de Anisia Bastos da Silva, a primeira esposa do Nonatão. Esse era o único retrato que ele tinha dela e que foi dado de presente à minha mãe.

Fonte: Arquivo pessoal.

Um desses relatos da minha avó confirmava ainda mais a minha suspeita de que ele era maçom. Em algumas ocasiões, ela havia escutado a esposa dele, Anisia Silva, dizer: “tu já vais lá para os teus bodes?” Possivelmente ela deveria estar se referindo ao momento em que ele estivesse

indo à loja maçônica. Geralmente, o senso comum associa os maçons a inúmeras superstições envolvendo a figura deste animal, o que explicaria a forma jocosa da pergunta.

Com base nessa investigação, optei por fazer uma reflexão hermenêutica da tripontuação utilizada na Ordem para esclarecer a biografia maçônica do meu bisavô.

A TRIPONTUAÇÃO MAÇÔNICA: HERMENÊUTICA E SIMBOLOGIA

A Maçonaria é uma sociedade de caráter iniciático que utiliza símbolos e alegorias como sua metodologia de ensino e aprendizagem. Um dos símbolos de grande importância para a Ordem é a tripontuação que remonta a mais longínqua antiguidade sendo um indício da familiaridade da Maçonaria com outras Escolas de Mistérios.

A tripontuação, derivada da tríade, é um dos símbolos de maior alcance em diversas tradições espirituais, sejam elas exotéricas ou esotéricas. Ela representa a dimensão trinitária da divindade e indica uma constante nas religiões ocidentais e orientais: “Todas as tradições antigas são unânimes em eleger uma trindade divina que é criadora e/ou regente do meio ambiente e de tudo que nele se desenvolve.” (GUIMARÃES, 2009: pg. 25).

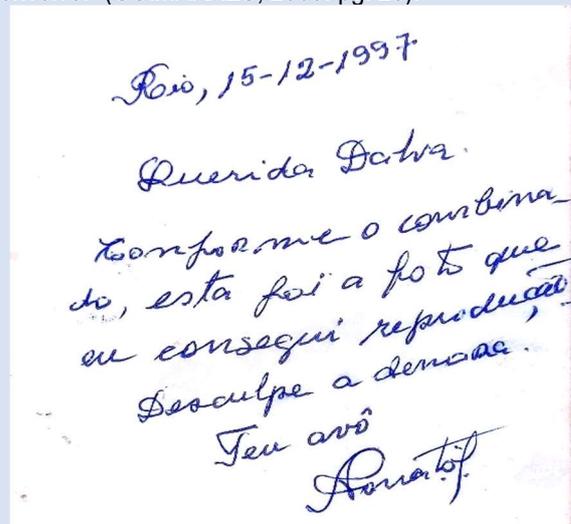
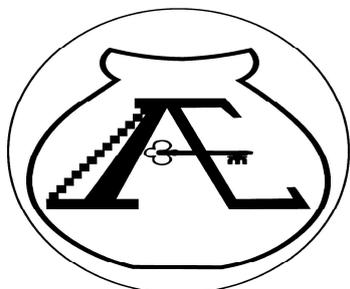


FIG. 5: [verso da fotografia da fig. 4] O bisavô deu essa foto de presente à minha mãe em 15 de dezembro de 1997. Na imagem podemos observar mais uma vez a assinatura maçônica do meu bisavô

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao investigar as religiões, de modo geral, percebi que os números são importantes para sugerir aspectos da consciência moral e espiritual. No caso da Maçonaria, deve-se lembrar a relação dos números com a ciência sagrada da geometria. A numerologia pode ser compreendida também como um sistema de codificação linguística sagrada, como é



o caso da *gematria* entre os judeus².

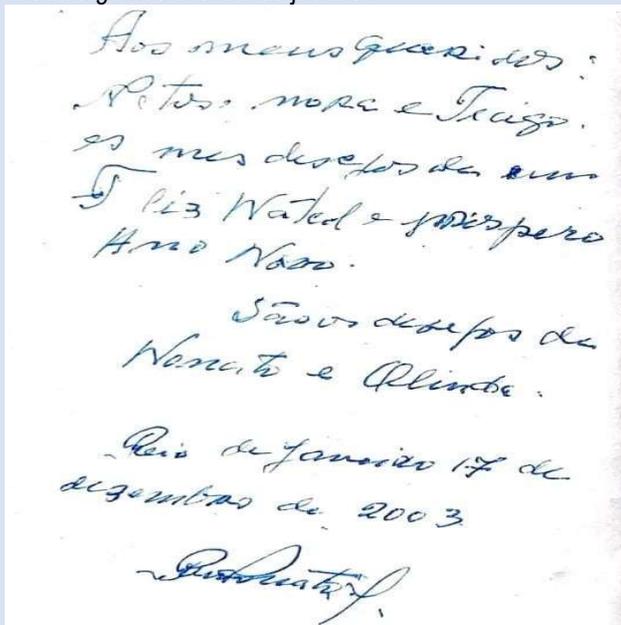


FIG. 6: Essa é mais uma mensagem do "Nonatão", em um cartão de Natal, em que consta também a assinatura maçônica.

Fonte: Arquivo pessoal.

A realidade espiritual dos números e da sua correspondência com a tríade ou pirâmide, remonta à Cabala: ela menciona uma *tríade superior*. Nesse caso, a tripontuação indica o processo de emanção do divino que começa em *Keter*, *Chochmá* e *Biná*.

Um dos níveis de interpretação diz respeito ao cimo da tripontuação, o primeiro ponto: a dimensão da unidade divina. Os dois pontos que se seguem formando a base podem representar o aspecto da dualidade.

Em linguagem mítica cosmogônica, a tripontuação representa o imanifesto e o manifesto, o invisível metafísico e o visível dual. Levando em consideração que um símbolo tem muitas camadas de interpretação, podem haver ainda inúmeros significados que extrapolam os objetivos desse estudo inicial.

O aspecto histórico do uso da tripontuação é um tema controverso. Alguns autores destacam a sua primeira utilização no século XVIII nas comunicações realizadas em documentos por Lojas francesas³. Seguindo essa informação, *O Dicionário de Maçonaria* afirma que ela foi empregada como abreviatura de termos técnicos maçônicos⁴. Outros autores remontam esse costume às corporações de pedreiros da Idade Média [Jean de Pavilly] e até mesmo ao sistema hieroglífico egípcio [J.C.A. Fisch].

A hermenêutica da assinatura maçônica possibilita uma compreensão muito mais ampla, que dialoga tanto com as fontes históricas de documentos escritos quanto com as correlações simbólicas. Mais do que um instrumento prático da burocracia institucional maçônica, a tripontuação sugere simbolicamente verdades sublimes da cosmogonia. Ao analisar a mecânica da tripontuação, percebe-se que ela começa com um ponto que se desdobra, sugerindo um modelo de causalidade cósmica. Nesse sentido, está codificada uma percepção específica do processo da criação⁵ do Uni [uno] Verso [variedades]⁶.

A tripontuação pode ser compreendida em algumas literaturas maçônicas como um sinal prático e não como um símbolo.

Todavia, em uma leitura hermenêutica mais ampla, decodifica-se o seu alcance metafísico e ético como linguagem simbólica.

O aspecto metafísico advém da teologia das tradições espirituais e filosóficas que interpretam no número *Um* o conceito da Unidade de Deus, o Imanifesto ou, como diria Aristóteles, o Primeiro Motor Imóvel; no *Dois* a subsequente criação do universo com suas leis e fenômenos duais; o número *Três* é a resultante harmoniosa disso.

Em sentido ético, temos basicamente os princípios da Sabedoria, Força e Beleza, também as três virtudes teológicas Fé, Esperança e Caridade como ideais do aperfeiçoamento maçônico. Daí segue-se a explicação de D'elia Junior: "[...] os 'Maçons – tidos como Homens Perfeitos', apõem às suas assinaturas os 'Três Pontos', a dizer que são, sem dúvida alguma, possuidores dessas 'Três Virtudes'⁷.

Uma vez que os números são associados ao sistema linguístico e as palavras mantêm relação com a simbologia maçônica, o uso dos números deve em quaisquer circunstâncias serem observados com maior atenção. Nada é por acaso na sistemática da linguagem maçônica e sagrada.

Os números são uma forma de expressão de realidades espirituais, como exemplo a sua representação no sistema das três colunas da Árvore da Vida, no topo da *tetraktys* pitagórica, na *trimurti* hindu, na Santíssima Trindade dos cristãos, dentre outros. Na Maçonaria, três são os oficiais que dirigem uma Loja: o Venerável Mestre, o Primeiro e Segundo Vigilantes.



FIG. 7: O Trevo é um símbolo da força vital e da Trindade. (HERDER: 1991, pg. 194-195).

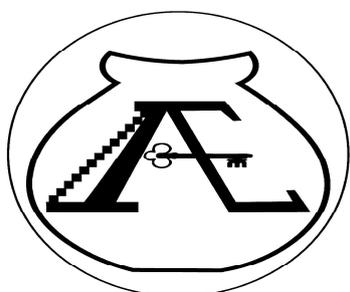




FIG. 8: Detalhe da assinatura maçônica de Raimundo Nonato da Silva.
Fonte: Arquivo pessoal.

Logo, a tripontuação é muito mais que um aspecto mecânico da burocracia maçônica. A realidade dos números, embora delimitada pela funcionalidade da organização econômica, desde a mais remota antiguidade era um fator de coesão das línguas sagradas e expressão da essência divina do cosmos.

Então surge a questão: a assinatura dos maçons tornou-se um costume meramente imitativo da burocracia maçônica? Nossa resposta é não. Mas, depende da perspectiva de quem a interpreta.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este artigo foi uma tentativa de investigação a respeito do possível envolvimento do meu bisavô com a Maçonaria. Levando em consideração o marco histórico do nascimento dele em 1918, pode-se supor que a sua infância tenha transcorrido em meio a variados desafios impostos por uma cultura escravocrata que ainda se fazia sentir nos costumes da época, a despeito do advento das leis abolicionistas.

Negro, sem pai registrado, a mãe era chamada “Naná”, Raimundo Nonato da Silva conseguiu com muito esforço estudar, ter sua própria família e profissão.

É patente que a Maçonaria teve importante atuação junto a Campanha Abolicionista no Estado do Pará, como atestam os importantes trabalhos de pesquisa do Professor e historiador Elson Monteiro, da Universidade Federal do Pará⁸. Nesse sentido, a possível filiação de Raimundo Nonato da Silva na Maçonaria está inserida em um contexto histórico amplo.

Pertinente a causa abolicionista defendida pela Ordem, sua presença nas fileiras de iniciados corrobora o compromisso dos maçons com a igualdade racial. A sociedade atual ainda precisa evoluir muito do ponto de vista ético na luta das causas raciais e a doutrina maçônica continua participando desse processo de conscientização.

É motivo de orgulho que a minha ascendência

remonte a um ancestral negro que deu demonstrações de ser um homem justo e perfeito, trabalhador e que, mesmo se não tivesse ingressado na Ordem maçônica, poderia ser chamado “um maçom sem avental”.

O intuito dessa primeira etapa de pesquisa foi o de contribuir com o campo de estudos maçônicos paraense, utilizando as informações biográficas do meu bisavô que ensejam o compromisso da Ordem com o respeito, a diversidade racial e a construção de uma sociedade digna e justa.

Do ponto de vista histórico, os propósitos dessa pesquisa foram o resgate da memória do meu bisavô, a possibilidade de homenagear e demonstrar respeito ao legado simbólico deixado por aquele que talvez tenha sido o mais antigo maçom da minha família: Raimundo Nonato da Silva.

¹ Há uma divergência quanto a essa informação. A segunda esposa do Nonatão, a bisavó Olinda Lins relatava que possivelmente ele teria nascido dia oito de março de 1918. Nesse caso, levamos em consideração o que consta em seus documentos.

² Sugerimos a leitura de *O código da Bíblia*, vol. I, II e III, de Michael Drosnin.

³ Cf. BOUCHER: 2015, pg. 77-81.

⁴ FIGUEIREDO: 1990, pg. 514.

⁵ De acordo com a explicação do filósofo brasileiro Huberto Rohden, **crear** é uma palavra latina que significa a manifestação da Essência em forma de existência, enquanto que criar denota a transformação de uma existência para outra existência.

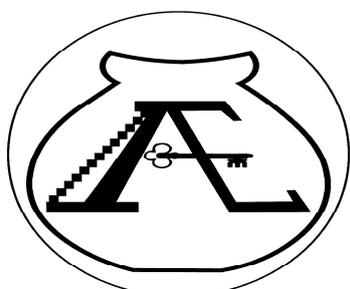
⁶ Optamos por utilizar o conceito de “creação” ao invés de “criação”, tal qual recomenda o filósofo e educador brasileiro Huberto Rohden. De acordo com ele, a *creação* é o processo de manifestação do imanifesto, ou seja, do metafísico para o físico. Já a *criação* é a modificação dos estados duais, do físico para o físico. A primeira, uma transformação a nível primário, vertical, a segunda, uma modificação horizontal e secundária.

⁷ (2010: pg. 333)

⁸ Cf. *A Maçonaria e a campanha abolicionista no Pará*, publicado em 2012 pela Madras Editora e *Maçonaria, poder e sociedade no Pará na segunda metade do século XIX*, publicado em 2016 pela Editora Açai.

REFERÊNCIAS

- BOUCHER, Jules. **A simbólica maçônica ou a arte real reeditada e corrigida de acordo com as regras da simbólica esotérica e tradicional**. São Paulo: Pensamento, 2015.
- D’ELIA JUNIOR, Raymundo. **Maçonaria: 100 instruções de aprendiz**. São Paulo: Madras, 2010.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. **Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GUIMARÃES, Ivan Newton Lima. **Números: as pegadas da divindade**. São Paulo: Madras, 2009.
- LEXICON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.



OS AUTORES

O GOB SOB NOVOS OLHARES

Ir.: M.:I.: Fábio Costa de Oliveira Neves
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de Matemática – SEDUC-PA

A ELEIÇÃO NO UNIVERSO MAÇÔNICO

Ir.: M.:M.: Richard Dylan Silva
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Técnico Administrativo – COSANPA.

JOIAS E CARGOS DO RITO ADONHIRAMITA

Ir.: V.:M.: Márcio Ney de Parijós
 A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Estudante Medicina – CESUPA.

ESOTERISMO NO RITO ADONHIRAMITA

Ir.: Mário Sérgio dos Santos Nascimento
 A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Sociólogo – SEMAS

O OLHO QUE TUDO VÊ E SUAS MULTIFACES

Ir.: M.:M.: Dhyego Alessandro Costa
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de História – Rede Particular de Ensino

I.N.R.I – UMA ANÁLISE DO PONTO DE VISTA DO ESOTERISMO CLÁSSICO

Ir.: M.:M.: Emanuel Tadeu Machado
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de Física – Rede Particular de Ensino

QUATRO BOAS RAZÕES PARA O MESTRE MAÇOM INGRESSAR NO ARCO REAL

Ir.: M.:I.: Elder de Lucena Madruga
 A.:R.:L.:S.: Sentinela Cuiabana, 3718 – GOB-MT
 YORK – GOB
 Técnico em Laboratório na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
 FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
 JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
 TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

A INICIAÇÃO MAÇÔNICA E O SALMO 91

Ir.: M.:M.: Richard Dylan Silva

A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

ADONHIRAMITA – GOB

Técnico Administrativo – COSANPA.

COMO ME SINTO NA MAÇONARIA? SOU OU ESTOU MAÇOM?

Ir.: V.:M.: Luciano Gama Queiroz

A.:R.:L.:S.: ESPERANÇA DO TAPAJÓS – 2718 – GOB-PA

ADONHIRAMITA – GOB

Professor de Artes – SEDUC-PA

SÍSIFO, A NATUREZA DA VIDA E O PROCESSO DE MATURAÇÃO MAÇÔNICO

Ir.: M.:I.: Adelino Lourenço Neto

A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DO ORIENTE – 2568 – GOB-PA

R.E.A.A. – GOB

Sec. Estadual de Informática – GOB-PA

Analista de T.I.

O MEU BISAVÔ MAÇOM [Parte I]

Ir.: V.:M.: Thiago Carone

A.:R.:L.:S.: BAHIR – 3938 – GOB-PA

YORK – GOB

Membro da Academia Maçônica de Letras do Estado do Pará (AMALEP)

Professor de Religiões – SEDUC-PA e SEMEC



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL

JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ

TV. PADRE EUTÍQUIO, 837